

APEENTE

POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA

ANO XLVII - JAN / FEV / MAR 2020

 **INSTITUTO PADRE LUIS CECCHIN**

**50
ANOS**

DE MISSÃO DO INSTITUTO PADRE LUIS CECCHIN

“Criando caminhos de oportunidades
para um novo amanhã”

ESPECIAL REGIONAIS

AMECC
Pg. 27

ESPECIAL REGIONAIS

**CENTRO SOCIAL MÃE
DA DIVINA PROVIDÊNCIA**
Pg. 30

LITURGIA

**LITURGIA:
INTRODUÇÃO...**
Pg. 36



POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA
DELEGAÇÃO NOSSA SENHORA APARECIDA

SUMÁRIO

Editorial.....	3
Palavra do Casante	4
Palavra do Delegado Pobres Servos	6
Palavra da Delegada Pobres Servas	6
Voz do Papa	7
Bíblia	12
Espiritualidade Calabriana	13
Matéria de capa	15
Especial Regionais: AMECC	26
Especial Regionais: Centro Social Mãe da Divina Providência	29
Vocacional	31
Paróquia.....	33
Liturgia.....	35
Espaço Aberto: Santa Dulce dos Pobres	38
Família Calabriana: Irmão Noivar Brustolin celebra 45 anos de Vida Consagrada	40
Família Calabriana: 25 anos de Ordenação Presbiteral do Padre Antônio Dall'o	43
A Ponte Está Presente	46
Mensagem	50

Estimados leitores!

Chegamos até vocês com a primeira edição da Revista A Ponte de 2020 que continua trazendo novidades. Queremos continuar fazendo deste meio de comunicação uma verdadeira ponte entre nós, fortalecendo a comunhão. O Carisma Calabriano, a Palavra de Deus e todos os ensinamentos da Igreja nos comprometem a vivermos como irmãos, como família.

A primeira novidade que apresentamos é o espaço aberto ao Delegado dos Pobres Servos e a Delegada das Pobres Servas. Além do Casante, eles também deixaram sua mensagem. Pe. Miguel Tofful e Pe. Gilberto Bertolini continuam refletindo sobre o caminho que estamos fazendo rumo ao XII Capítulo Geral. Ir. Beatriz Paulin inicia apresentando a Delegação Rainha da Paz para que possamos compreender melhor como estão organizadas e quantas consagradas atuam na missão a elas confiada.

Trazemos a mensagem do Papa Francisco ao Dia Mundial da Paz celebrado no dia 1º de janeiro. Todos devemos ser mensageiros e instrumentos da paz, que continua sendo ameaçada por guerras entre nações e também no cotidiano. Rezemos pela paz!

Pe. Gustavo Bonassi reflete sobre a profecia da comunhão que deve estar alicerçada sobre o mandamento deixado por Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado” (Cf. Jo 13,34). Pe. Osvaldo de Oliveira ajuda-nos a fazermos um resgate sobre o espírito e a missão da Obra Calabriana que se fundamentam no Evangelho. O clamor do fundador continua vivo e atual: “retornemos ao Evangelho”.

A matéria de capa desta edição traz a belíssima história do Instituto Padre Luis Cechin (IPLC) assumido pela Congregação em 28 de fevereiro de 2011. A integração dessa missão a Obra Calabriana foi de uma riqueza indescritível. Temos depoimentos de alunos, ex-alunos e colaboradores; além de um brevíssimo histórico do fundador, Padre Luis e da cidade de Limoeiro para podermos nos familiarizar com esta missão. Além do Instituto, a Paróquia N. Sra. do Carmo desenvolve um trabalho pastoral de grande importância para esta realidade.

Esta é outra novidade que apresentamos para este ano. Em cada edição vamos falar sobre as missões da Congregação pelo Brasil. Além de Limoeiro, trazemos a missão de Guarabira, a última atrelada à Obra Calabriana, e a missão das Irmãs Pobres Servas em Feira de Santana na Bahia. Assim a Revista se torna cada vez mais a Ponte entre o que Deus realiza através deste carisma e as pessoas que nos acompanham. Você também pode fazer parte desta grande Família sendo um benfeitor ou um voluntário.

No caderno Vocação refletimos sobre o dia e a missão dos Consagrados e Consagradas celebrado na Igreja junto com a Festa da Apresentação do Senhor, no dia 02 de fevereiro. Dom Jailton de Oliveira Lino partilha sua alegria de ter conhecido Santa Dulce dos Pobres, canonizada em outubro de 2019, e o grande bem que esta consagrada fez a Igreja e ao povo de Deus.

Por fim trazemos as entrevistas com o Pe. Antônio Dall’O e o Ir. Noivar que partilham conosco sua história vocacional. Pe. Antônio celebrou jubileu de prata de Ordenação Presbiteral e Ir. Noivar completou 45 anos de Vida Consagrada. Ainda temos os diversos eventos ocorridos nos últimos meses.

Você também pode participar da Revista A Ponte. Envie-nos sua opinião, comentário, sugestão através do e-mail aponte@pobresservos.org.br e ajude-nos a fazer desta Revista uma ponte de amor.



A PROFECIA DA COMUNHÃO... ALGUNS DESAFIOS E PROVOCAÇÕES

Continuando a partilha sobre o tema “a profecia da comunhão”, quero evidenciar algumas provocações e desafios do caminho que o Espírito Santo está nos fazendo percorrer, na preparação do XII Capítulo Geral.

Todas as Delegações se colocaram à escuta de cada realidade que compõe a Família Calabriana e desta escuta se pode colher a riqueza do Carisma, assim como ele está sendo vivido e testemunhado na pluralidade de experiências e de culturas onde a Obra está presente hoje. Esta atitude de escuta, além do mais, oferece a oportunidade de reconhecer quanto o Carisma está vivo e atual, de acolhê-lo como um dom de Deus, de senti-lo “nosso”, qual fonte para a nossa vida e para as nossas escolhas. Um Carisma que se comunica e vive na diversidade das vocações (presbíteros, religiosos, religiosas e leigos) e das culturas.

Partilhar aquilo que temos de mais precioso, isto é, o Carisma, faz emergir tanto os aspectos de força na vivência do Carisma, como também os pontos críticos, os aspectos a serem melhorados no nosso estilo de vida para que o Carisma possa continuar a crescer e encarnar-se nas diversas realidades da nossa vida e missão. Esta experiência de partilha também nos torna sabedores da responsabilidade que temos de testemunhar o Carisma nos diversos lugares onde estamos presentes.

A escuta, que é uma das características principais da sinodalidade, é um estilo de relações que traz como fruto a comunhão. A escolha de preparar e celebrar o Capítulo de maneira sinodal, é um convite a sair da própria realidade e visão, para viver uma verdadeira experiência de universalidade, de comunhão e de acolhimento das diversidades como dom que nos enriquece. A escuta é, antes de tudo, um exercício de humildade: ninguém é tão autossuficiente de não ter nada a aprender ou a receber dos outros. Cresceremos como Família Calabriana se formos capazes de caminhar juntos, com alegria, reconhecendo antes de mais nada as nossas fragilidades.

O caminho sinodal que tomamos é um processo que continuará depois da celebração do Capítulo na medida em que conseguirmos fazer nosso este estilo de ser, de viver e de discernir a vontade de Deus ao interno da Obra. Isto nos permitirá de reconhecer e estar cientes da riqueza que temos na Família Calabriana, nascida de um Carisma e guiada pelo Espírito Santo, aberta às novas provocações e desafios que se tornam profecia de comunhão para o mundo de hoje.

Os sinais de comunhão que o Espírito Santo está fazendo germinar entre nós renovam a nossa vida e o nosso modo de ser e de reconhecer a Família Calabriana. A comunhão é um dom, mas também um chamado à conversão, a superar toda forma de individualismo e de idolatria do próprio eu. A comunhão na Igreja, na Obra, não é um opcional, é um sinal que pertencemos a uma Família, que somos filhos de um verdadeiro “profeta de comunhão”, São João Calábria. Disto nos reconhecerão como Família Calabriana, se dermos testemunho de comunhão fraterna.

O grande desafio, a meu parecer, para crescer na comunhão como Família Calabriana, é dar início a pequenos passos assumindo uma modalidade de comunhão, de impostação das nossas relações, de acolhimento e de pertença. Com o advento da sinodalidade e da colegialidade, deve crescer a necessidade de cuidar as relações pessoais e institucionais para

criar ao interno dele as nossas comunidades, atividades e grupos de pertença, uma modalidade nova de viver a comunhão e a convivência.

A voz que chega de tantas Comunidades, grupos e pessoas, que nas diversas Delegações, experimentaram o método sinodal de escuta recíproca é aquela de dar continuidade a este caminho que iniciamos.

Um caminho sinodal nos abre os olhos e o coração a uma busca e envolvimento afetivo e efetivo com o Carisma. Reconhecer e contemplar o Carisma da Paternidade de Deus que é vivo, hoje, no coração das pessoas e das nossas Casas, traz uma novidade no estilo e nas escolhas comuns para transmitir a mensagem calabriana através da nossa espiritualidade, fraternidade e humanidade.

O nosso desafio durante este período para empreender um caminho de sinodalidade, de colegialidade e comunhão, foi fecundado pela oração. Como é profético caminhar e rezar juntos! É através da oração, juntos, que se constrói a comunhão que se torna profecia. Convido a continuarmos insistentemente rezando o Espírito Santo, vertente e artífice de toda a comunhão.

Convido de maneira particular aqueles que foram escolhidos a participar do Capítulo, religiosos, religiosas e leigos, de prepararem-se espiritualmente e de participar às iniciativas da própria Delegação, colocando-se em jogo, criando um clima de convivência e de sinodalidade. Que possais levar a vossa experiência de comunhão concreta, para que a vossa contribuição não seja apenas um conteúdo, mas, vivência.

Confiemos o nosso caminho à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria e de São João Calábria, que nos ajudem e nos acompanhem.

Bom caminho de comunhão. Unidos na oração.



PE. MIGUEL TOFFUL, PSDP | Superior Geral
Tradução | **PE. JOÃO PILOTTI, PSDP**



O CAPÍTULO E A FIDELIDADE CRIATIVA

Capítulo Geral é o tempo de olharmos para a nossa Obra como um todo, em vista do seu bem (Intuito Opere). Precisamos avaliar com lucidez e verdade onde estamos, por onde caminhamos, como vivemos hoje o carisma e o que é preciso fazer. A expressão “fidelidade criativa”, usada por João Paulo II, no documento dirigido aos membros das ordens religiosas, significa a atualização do carisma hoje, sendo fiéis ao núcleo fundante, onde tudo começou e foi vivido pela primeira comunidade da Obra.

Vivemos em tempos desafiadores; e precisamos, apoiados na Palavra de Deus, nos ensinamentos da Igreja e imbuídos do espírito do Fundador, apontar caminhos para a humanidade. Olhar para o que se fez e avançar sempre. Não se pode viver o carisma, fazer uma missão apegado ao passado usando a expressão “sempre se fez assim”. Aprendemos com a história e avançamos enfrentando os desafios com coragem, fé, esperança e ousadia. Assim como Calábria foi promissor em seu tempo, hoje nós devemos ser uma luz que brilha apontando para aquilo que é essencial em nossa vida. Os valores do Evangelho precisam ser resgatados, pregados e acima de tudo vividos, primeiramente por nós para assim, sermos exemplo que motiva os outros neste caminho.

Para tempos novos, coisas novas fundamentadas naquilo que é a essência do Carisma vivido por São João Calábria e por muitos religiosos/as e leigos/as desde a origem da Obra. Por isso, o Capítulo é um tempo de graça para toda a família Calabriana. Rezemos para que o Espírito Santo ilumine toda a Obra, de modo especial aos religiosos/as e leigos/as capitulares para que possam viver o Capítulo com fidelidade criativa.



PE. GILBERTO BERTOLINI, PSDP | *Delegado*



PALAVRA DA DELEGADA POBRES SERVAS

A Congregação Pobres Servas da Divina Providência nasceu em Verona, Itália; no ano de 1910, fundada por São Joao Calábria. Em 1974, as Irmãs chegaram ao Brasil e começaram a missão no Mato Grosso do Sul colaborando assim com os Pobres Servos. Depois de poucos anos, surgiram jovens desejosas de fazer parte da nossa família religiosa. Assim, surgiu a casa de formação Mater Dei em Farroupilha. Em 1979, professaram as primeiras irmãs do Brasil. Na década de noventa criou-se a Delegação Rainha da Paz com sua sede em Porto Alegre.

Hoje conta com 11 comunidades em vários países da América Latina: 7 no Brasil (Porto Alegre, Farroupilha, Nova Andradina, Quixadá, Feira de Santana, Marituba e Limoeiro); 1 no Uruguai (Salto); 2 na Argentina (Buenos Aires e Reconquista); 1 no Paraguai (Ciudad Del Este). Destes países Deus chamou vocações para nossa Família, e hoje somos 45 irmãs das quais 31 estão na nossa Delegação e 13 espalhadas entre: Itália, Angola, Filipinas, Romênia e Quênia.

A nossa missão é reavivar no mundo a fé e a confiança em Deus Pai providente através das diferentes atividades sociais, pastorais e formativas.

“Irmãs, antes de tudo recordem-se que estão aqui para se fazerem santas, e ai de vocês se não utilizarem todos os meios para este fim; considerem as vias que Jesus bendito usou para chamar-vos a esta casa, as graças que continuamente lhes concede, amem a Jesus, sigam-no, façam-se santas.” (S. João Calábria, Palavras vivas)



IR. BEATRIZ PAULIN, PSDP | *Delegada*





VOZ DO PAPA

MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA PAZ 1º DE JANEIRO DE 2020

*“A paz como caminho de esperança:
diálogo, reconciliação e conversão ecológica”*

1. A PAZ, CAMINHO DE ESPERANÇA FACE AOS OBSTÁCULOS E PROVAÇÕES

A paz é um bem precioso, objeto da nossa esperança; por ela aspira toda a humanidade. Depor esperança na paz é um comportamento humano que alberga uma tal tensão existencial, que o momento presente, às vezes até custoso, “pode ser vivido e aceito, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros dessa meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho” (Spe salvi, n. 1). Assim, a esperança é a virtude que nos coloca a caminho, dá asas para continuar, mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis.

A nossa comunidade humana traz, na memória e na carne, os sinais das guerras e conflitos que têm vindo a suceder-se, com crescente capacidade destruidora, afetando especialmente os mais pobres e frágeis. Há nações inteiras que não conseguem libertar-se das cadeias de exploração e corrupção que alimentam ódios e violências. A muitos homens e mulheres, crianças e idosos, que ainda hoje, são negados a dignidade, a integridade física, a liberdade — incluindo a liberdade religiosa —, a solidariedade comunitária, a esperança no futuro. Inúmeras vítimas inocentes carregam sobre si o tormento da humilhação e da exclusão, do luto e da injustiça, se não mesmo os traumas resultantes da opressão sistemática contra o seu povo e os seus entes queridos.

As terríveis provações dos conflitos civis e dos conflitos internacionais, agravadas muitas vezes por violências desalmadas, marcam prolongadamente o corpo e a alma da humanidade. Na realidade, toda a guerra se revela um fratricídio que destrói o próprio projeto de fraternidade, inscrito na vocação da família humana.

Sabemos que, muitas vezes, a guerra começa pelo fato de não se suportar a diversidade do outro, que fomenta o desejo de posse e a vontade de domínio. Nasce, no coração do homem, a partir do egoísmo e do orgulho, do ódio que induz a destruir, a dar uma imagem negativa

do outro, a excluí-lo e cancelá-lo. A guerra nutre-se com a perversão das relações, com as ambições hegemônicas, os abusos de poder, com o medo do outro e a diferença vista como obstáculo; e simultaneamente alimenta tudo isso.

Como fiz notar durante a recente viagem ao Japão, é paradoxal que “o nosso mundo viva a dicotomia perversa de querer defender e garantir a estabilidade e a paz com base numa falsa segurança sustentada por uma mentalidade de medo e desconfiança, que acaba por envenenar as relações entre os povos e impedir a possibilidade de qualquer diálogo. A paz e a estabilidade internacional são incompatíveis com qualquer tentativa de as construir sobre o medo de mútua destruição ou sobre uma ameaça de aniquilação total. São possíveis só a partir duma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço dum futuro modelado pela interdependência e a corresponsabilidade na família humana inteira de hoje e de amanhã”¹.

Toda a situação de ameaça alimenta a desconfiança e a retirada para dentro da própria condição. Desconfiança e medo aumentam a fragilidade das relações e o risco de violência, num círculo vicioso que nunca poderá levar a uma relação de paz. Neste sentido, a própria dissuasão nuclear só pode criar uma segurança ilusória.

Por isso, não podemos pretender manter a estabilidade no mundo através do medo da aniquilação, num equilíbrio muito instável, pendente sobre o abismo nuclear e fechado dentro dos muros da indiferença, onde se tomam decisões socioeconômicas que abrem a estrada para os dramas do descarte do homem e da criação, em vez de nos guardarmos uns aos outros². Então como construir um caminho de paz e mútuo reconhecimento? Como romper a lógica morbosa da ameaça e do medo? Como quebrar a dinâmica de desconfiança atualmente prevalecente?

Devemos procurar uma fraternidade real, baseada na origem comum de Deus e vivida no diálogo e na confiança mútua. O desejo de paz está profundamente inscrito no coração do homem e não devemos resignar-nos com nada de menos.

2. A PAZ, CAMINHO DE ESCUTA BASEADO NA MEMÓRIA, SOLIDARIEDADE E FRATERNIDADE

Os sobreviventes aos bombardeamentos atômicos de Hiroxima e Nagasáqui — denominados os hibakusha — contam-se entre aqueles que, hoje, mantêm viva a chama da consciência coletiva, testemunhando às sucessivas gerações o horror daquilo que aconteceu em agosto de 1945 e os sofrimentos indescritíveis que se seguiram até aos dias de hoje. Assim, o seu testemunho aviva e preserva a memória das vítimas, para que a consciência humana se torne cada vez mais forte contra toda a vontade de domínio e destruição. “Não podemos permitir que as atuais e as novas gerações percam a memória do que aconteceu, aquela memória que é garantia e estímulo para construir um futuro mais justo e fraterno”³.

Como eles, há muitos, em todas as partes do mundo, que oferecem às gerações futuras o serviço imprescindível da memória, que deve ser preservada não apenas para evitar que se voltem a cometer os mesmos erros ou se repropõem os esquemas ilusórios do passado, mas também para que a memória, fruto da experiência, constitua a raiz e sugira a vereda para as opções de paz presentes e futuras.

Mais ainda, a memória é o horizonte da esperança: muitas vezes, na escuridão das guerras e dos conflitos, a lembrança mesmo dum pequeno gesto de solidariedade recebida pode inspirar opções corajosas e até heroicas, pode colocar em movimento novas energias e reacender

¹ Discurso sobre as armas nucleares, Nagasáqui — Parque “Atomic Bomb Hypocenter”, 24 de nov. de 2019.

² Cf. Francisco, *Homilia em Lampedusa*, 8 de jul. de 2013.

³ Francisco, *Discurso sobre a Paz*, Hiroxima — Memorial da Paz, 24 de nov. de 2019.

nova esperança nos indivíduos e nas comunidades.

Abrir e traçar um caminho de paz é um desafio muito complexo, pois os interesses em jogo, nas relações entre pessoas, comunidades e nações, são múltiplos e contraditórios. É preciso, antes de mais nada, fazer apelo à consciência moral e à vontade pessoal e política. Com efeito, a paz alcança-se no mais fundo do coração humano, e a vontade política deve ser incessantemente revigorada para abrir novos processos que reconciliem e unam pessoas e comunidades.

O mundo não precisa de palavras vazias, mas de testemunhas convictas, artesãos da paz abertos ao diálogo sem exclusões nem manipulações. De fato, só se pode chegar verdadeiramente à paz quando houver um convicto diálogo de homens e mulheres que buscam a verdade mais além das ideologias e das diferentes opiniões. A paz é uma construção que “deve estar constantemente a ser edificada” (*Gaudium et spes*, n. 78), um caminho que percorremos juntos procurando sempre o bem comum e comprometendo-nos a manter a palavra dada e a respeitar o direito. Na escuta mútua, podem crescer também o conhecimento e a estima do outro, até ao ponto de reconhecer no inimigo o rosto do irmão.

Por conseguinte, o processo de paz é um empenho que se prolonga no tempo. É um trabalho paciente de busca da verdade e da justiça, que honra a memória das vítimas e abre, passo a passo, para uma esperança comum, mais forte que a vingança. Num Estado de direito, a democracia pode ser um paradigma significativo deste processo, se estiver baseada na justiça e no compromisso de tutelar os direitos de cada um, especialmente se vulnerável ou marginalizado, na busca contínua da verdade⁴. Trata-se dum construção social em contínua elaboração, para a qual cada um presta responsabilmente a própria contribuição, a todos os níveis da comunidade local, nacional e mundial.

Como assinalava o Papa São Paulo VI, “a dupla aspiração — à igualdade e à participação — procura promover um tipo de sociedade democrática. (...) Isto, por si só, já diz bem qual a importância de uma educação para a vida em sociedade, em que, para além da informação sobre os direitos de cada um, seja recordado também o seu necessário correlativo: o reconhecimento dos deveres de cada um em relação aos outros. O sentido e a prática do dever são, por sua vez, condicionados pelo domínio de si mesmo, pela aceitação das responsabilidades e das limitações impostas ao exercício da liberdade do indivíduo ou do grupo” (*Octogesima adveniens*, n. 24).

Pelo contrário, a fratura entre os membros dum sociedade, o aumento das desigualdades sociais e a recusa de empregar os meios para um desenvolvimento humano integral colocam em perigo a prossecução do bem comum. Inversamente, o trabalho paciente, baseado na força da palavra e da verdade, pode despertar nas pessoas a capacidade de compaixão e solidariedade criativa.

Na nossa experiência cristã, fazemos constantemente memória de Cristo, que deu a sua vida pela nossa reconciliação (cf. Rm 5,6–11). A Igreja participa plenamente na busca dum ordem justa, continuando a servir o bem comum e a alimentar a esperança da paz, através da transmissão dos valores cristãos, do ensinamento moral e das obras sociais e educacionais.

3. A PAZ, CAMINHO DE RECONCILIAÇÃO NA COMUNHÃO FRATERNA

A Bíblia, particularmente através da palavra dos profetas, chama as consciências e os povos à aliança de Deus com a humanidade. Trata-se de abandonar o desejo de dominar os outros e aprender a olhar-se mutuamente como pessoas, como filhos de Deus, como irmãos. O

⁴ Cf. Bento XVI, *Discurso aos dirigentes e membros das Associações Cristãs dos Trabalhadores Italianos* (ACLI), 27 de jan. de 2006.

outro nunca há de ser circunscrito àquilo que pôde ter dito ou feito, mas deve ser considerado pela promessa que traz em si mesmo. Somente escolhendo a senda do respeito é que será possível romper a espiral da vingança e empreender o caminho da esperança.

Guia-nos a passagem do Evangelho que reproduz o seguinte diálogo entre Pedro e Jesus: “Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?” Jesus respondeu: ‘Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete’” (Mt 18,21-22). Este caminho de reconciliação convida-nos a encontrar no mais fundo do nosso coração a força do perdão e a capacidade de nos reconhecermos como irmãos e irmãs. Aprender a viver no perdão aumenta a nossa capacidade de nos tornarmos mulheres e homens de paz.

O que é verdade em relação à paz na esfera social, é verdadeiro também no campo político e económico, pois a questão da paz permeia todas as dimensões da vida comunitária: nunca haverá paz verdadeira, se não formos capazes de construir um sistema económico mais justo. Como escreveu Bento XVI, “a vitória sobre o subdesenvolvimento exige que se atue não só sobre a melhoria das transações fundadas sobre o intercâmbio, nem apenas sobre as transferências das estruturas assistenciais de natureza pública, mas sobretudo sobre a progressiva abertura, em contexto mundial, para formas de atividade económica caracterizadas por quotas de gratuidade e de comunhão” (Caritas in veritate, n. 39).

4. A PAZ, CAMINHO DE CONVERSÃO ECOLÓGICA

“Se às vezes uma má compreensão dos nossos princípios nos levou a justificar o abuso da natureza, ou o domínio despótico do ser humano sobre a criação, ou as guerras, a injustiça e a violência, nós, crentes, podemos reconhecer que então fomos infiéis ao tesouro de sabedoria que devíamos guardar” (Laudato si, n. 200).

Vendo as consequências da nossa hostilidade contra os outros, da falta de respeito pela casa comum e da exploração abusiva dos recursos naturais — considerados como instrumentos úteis apenas para o lucro de hoje, sem respeito pelas comunidades locais, pelo bem comum e pela natureza —, precisamos duma conversão ecológica.

O Sínodo recente sobre a Amazónia impele-nos a dirigir, de forma renovada, o apelo em prol duma relação pacífica entre as comunidades e a terra, entre o presente e a memória, entre as experiências e as esperanças.

Este caminho de reconciliação inclui também escuta e contemplação do mundo que nos foi dado por Deus, para fazermos dele a nossa casa comum. De fato, os recursos naturais, as numerosas formas de vida e a própria Terra foram-nos confiados para ser “cultivados e guardados” (cf. Gn 2,15) também para as gerações futuras, com a participação responsável e diligente de cada um. Além disso, temos necessidade duma mudança nas convicções e na perspectiva, que nos abra mais ao encontro com o outro e à recepção do dom da criação, que reflete a beleza e a sabedoria do seu Artífice.

De modo particular brotam daqui motivações profundas e um novo modo de habitar na casa comum, de convivermos uns e outros com as próprias diversidades, de celebrar e respeitar a vida recebida e partilhada, de nos preocuparmos com condições e modelos de sociedade que favoreçam o desabrochar e a permanência da vida no futuro, de desenvolver o bem comum de toda a família humana.

Por conseguinte, a conversão ecológica, a que apelamos, leva-nos a uma nova perspectiva sobre a vida, considerando a generosidade do Criador que nos deu a Terra e nos chama à

⁴ Cf. Bento XVI, *Discurso aos dirigentes e membros das Associações Cristãs dos Trabalhadores Italianos* (ACLI), 27 de jan. de 2006.

jubilosa sobriedade da partilha. Esta conversão deve ser entendida de maneira integral, como uma transformação das relações que mantemos com as nossas irmãs e irmãos, com os outros seres vivos, com a criação na sua riquíssima variedade, com o Criador que é origem de toda a vida. Para o cristão, uma tal conversão exige “deixar emergir, nas relações com o mundo que o rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus” (LS, n. 217)

5. **OBTÉM-SE TANTO QUANTO SE ESPERA⁵**

O caminho da reconciliação requer paciência e confiança. Não se obtém a paz, se não a esperamos.

Trata-se, antes de mais nada, de acreditar na possibilidade da paz, de crer que o outro tem a mesma necessidade de paz que nós. Nisto, pode-nos inspirar o amor de Deus por cada um de nós, amor libertador, ilimitado, gratuito, incansável.

O medo é, frequentemente, fonte de conflito. Por isso, é importante ir além dos nossos temores humanos, reconhecendo-nos filhos necessitados diante d’Aquele que nos ama e espera por nós, como o Pai do filho pródigo (cf. Lc 15,11-24). A cultura do encontro entre irmãos e irmãs rompe com a cultura da ameaça. Torna cada encontro uma possibilidade e um dom do amor generoso de Deus. Faz-nos de guia para ultrapassarmos os limites dos nossos horizontes estreitos, procurando sempre viver a fraternidade universal, como filhos do único Pai celeste.

Para os discípulos de Cristo, este caminho é apoiado também pelo sacramento da Reconciliação, concedido pelo Senhor para a remissão dos pecados dos batizados. Este sacramento da Igreja, que renova as pessoas e as comunidades, convida a manter o olhar fixo em Jesus, que reconciliou “todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na terra como as que estão no céu” (Col 1,20); e pede para depor toda a violência nos pensamentos, nas palavras e nas obras quer para com o próximo quer para com a criação.

A graça de Deus Pai oferece-se como amor sem condições. Recebido o seu perdão, em Cristo, podemos colocar-nos a caminho para ir oferecê-lo aos homens e mulheres do nosso tempo. Dia após dia, o Espírito Santo sugere-nos atitudes e palavras para nos tornarmos artesãos de justiça e de paz.

Que o Deus da paz nos abençoe e venha em nossa ajuda.

Que Maria, Mãe do Príncipe da paz e Mãe de todos os povos da terra, nos acompanhe e apoie, passo a passo, no caminho da reconciliação.

E que toda a pessoa que vema este mundo possa conhecer uma existência de paz e desenvolver plenamente a promessa de amor e vida que traz em si.

VATICANO, 8 DE DEZEMBRO DE 2019.
FRANCISCUS

⁵ Cf. São João da Cruz, *Noite Escura*, II, 21, 8

A PROFECIA DA COMUNHÃO

“Nisto saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35)

A períclope da frase iluminadora do XII Capítulo Geral, faz parte de um contexto marcado por uma ferida. A saída de Judas, durante a Ceia, nos indica que as relações, a comunhão, a fraternidade nem sempre foram e serão um mar de rosas; mas, uma tensão e um processo contínuo de crescimento e amadurecimento humano espiritual.

Mas isso não é a centralidade do texto. O central encontra-se no fato de Jesus mesmo a partir do acontecido instituir um Novo Mandamento. “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; como eu vos tenho amado, assim amai-vos uns aos outros” (v. 34). Jesus não para no fato em si, nem fica remoendo a traição de Judas, mas o supera com uma nova proposição.

Interessante perceber que este novo mandamento é primeiramente um dom: “Dou-vos”. Não se trata de uma imposição, mas uma dádiva gratuita. Desse modo, lei de Deus é um dom. A Palavra é um dom. A vida é um dom. O amor de Cristo é um dom gratuito. E é justamente, por isso, que o fato de sermos amados gratuitamente por Cristo que esse mesmo amor se torna norma e modelo. Fabris e Maggioni no comentário dessa períclope, afirma: “É o fato de sermos amados por Cristo que nos obriga à fraternidade e, antes disso, no-la torna possível. O amor de Deus por nós exige fraternidade; a fraternidade é fidelidade ao amor de Deus”. Portanto, a fraternidade é um modo a corresponder a esse amor gratuito de Deus.

E o grande desafio neste caso, não é também, o de amar como nos convém, por ser meu amigo, familiar, pessoa querida, simpática ou até mesmo alguém que pensa como eu. Mas amar como Jesus nos ama. Fazendo uma entrega total da vida, mesmo custando por ser uma entrega injusta, uma traição. Sem sombra de dúvidas, amar desse jeito requer um amor maior, perfeito, digno de santidade.

“Nisto saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (v. 35). Viver um amor em profundidade, sem medida, nos faz discípulos do mestre. É uma condição para sermos reconhecidos como pertencentes à família ou o grupo dos seguidores de Jesus. Colocar-nos nas pegadas do mestre significa, como nos diz São Paulo na carta aos Filipenses: “Ter os mesmos sentimentos do Cristo Jesus” (Fl 2,5). Ou seja, amor é o cerne da mensagem cristã.

Por fim, vale apenas lembrar que na afirmação acima, conclui-se com a insistência na reciprocidade do amor: “uns aos outros”. De fato, na vida temos a necessidade de amar e ser amado. Amado por Deus, sou desde o princípio, viver essa dimensão nos torna verdadeiramente filhos e conseqüentemente, irmãos. A reciprocidade do amor consiste em transpor os limites de nossa capacidade de amar. Uma vez que o amor recíproco do qual fala João tem como modelo a cruz.



O ESPÍRITO E A MISSÃO DA OBRA CALABRIANA

Estamos vivendo um tempo especial com a preparação do XII Capítulo Geral dos Pobres Servos da Divina Providência (no próximo ano também as Pobres Servas da Divina Providência celebrarão o seu Capítulo). O XII Capítulo será muito especial, por ter um caráter sinodal e trazer uma proposta de maior abrangência da reflexão do ser e viver; do espírito e da missão da Obra Calabriana no mundo.

Nesse espaço, propomos algumas linhas de reflexão sobre o espírito e a missão da Obra Calabriana. Longe de ter a pretensão de ensinar o modo de **ser integrante da Obra**, gostaria apenas de lembrar alguns aspectos importantes para **viver a Obra** nos dias atuais. Para que nossa leitura seja mais leve, tomo a liberdade de não colocar as citações no corpo do texto, adiantando que a referência será sempre as cartas de São João Calábria aos Religiosos Pobres Servos. Sabemos que Calábria, por sua convicção, repetia muito algumas exortações e, por isso mesmo, elas não são endereçadas apenas a um ramo da Obra, mas a toda ela.

Todos nós consideramos São João Calábria como o fundador da Obra. Porém, ele nunca reivindicou para si este lugar. Pelo contrário, insistiu muitas vezes que *“a Obra é de Deus, que ela nasceu e cresceu do sagrado lado de Cristo”*. Deus é quem deu origem à Obra. *“Ele é quem a fundou e a dirige com Providência particular”*. Portanto, **a Obra é de Deus**.

Na esteira da origem da Obra surgem duas certezas de que nunca devemos esquecer: em primeiro, nossa pequenez e nossa miséria que não nos tornam pessoas sem valor, antes, quer nos recordar que devemos ser sempre *“servos dóceis e humildes instrumentos nas mãos do Senhor”*. Porém, precisamos estar sempre atentos para não atrapalhar os desígnios da Providência; e, em segundo lugar, a **“A Obra somos nós e a sua estabilidade, a sua difusão e a sua fecundidade, depende de nós”**. Desse segundo aspecto surge a necessidade de sentirmo-nos verdadeiramente pertencentes à Obra e de *“vivermos à altura da nossa vocação”*. Segundo Calábria, **pertencer à Obra** é sinal da gratuidade de Deus; *“É graça e ato de predileção do Senhor que chamou-nos a fazer parte dos seus grandes desígnios, mas, é também grande responsabilidade”*. É o Senhor quem nos chamou para pertencer à Obra.

São João Calábria afirmou muitas vezes que **a Obra é para os tempos atuais**. Podemos, sem sombra de dúvida afirmar que os tempos hodiernos são muito parecidos com a realidade em que Calábria vivia. Vivemos em uma sociedade cujas experiências não são muito sólidas e, facilmente se esvaem perdendo o sentido; parece que *“se cultua”* o efêmero e colhe-se como fruto a desresponsabilização para com a vida, as pessoas, a natureza, o mundo, numa cultura do descarté. Parecia que Calábria antevia o hoje quando fazia uma crítica ao seu tempo, quando dizia que a Obra *“foi suscitada numa época em que os homens esqueceram os verdadeiros valores, a saber: Deus, a alma, a eternidade, e não acreditam ou vivem como se Deus não existisse, não pensam senão no dinheiro e naquilo que possuem”*.

São João Calábria tinha muito claro que a Obra era de Deus e insistia que ela tinha grandes desígnios. Somente quem fez uma experiência profunda e verdadeira dos dons da Providência é capaz de viver com igual mistagogia. Para Calábria, a Obra tem a missão de ser sinal e instrumento da ação salvífica de Deus para a humanidade. A Obra pode ser comparada *“à Arca santa dentro da qual o Senhor salvou do dilúvio os seus prediletos, para depois, repovoar o mundo. Nós somos prediletos do Senhor, Ele quer servir-se de nós para divulgar o espírito do santo Evangelho no mundo corrompido que continua rumo à ruína espiritual”*.

A Obra é chamada a ser farol que *“aclara tantas e tantas mentes que vivem na escuridão”*.

A Obra é chamada a **ser luz** que ilumina de tal forma **que conduz a Deus**. Somos enviados especialmente aos mais necessitados e o nosso olhar, além de recuperar a dignidade humana pelos nossos serviços prestados, deve recuperar a alma. Como sempre insistiu Calábria. Por isso, toda nossa ação deve ser fundamentada no **“Buscai em Primeiro o Reino de Deus e sua justiça”** evidenciada pela missão de **reavivar a fé e a confiança em Deus Pai Providente**.

A missão da Obra é impulsionada por seu espírito, seu jeito próprio de ser, que São João Calábria chamava de **espírito puro e genuíno**. Mas, afinal de contas, qual é o espírito da Obra? E qual é o seu sentido mais puro?

O espírito da Obra, o **espírito puro e genuíno “é a vida da Obra”**. **“É o espírito dos Apóstolos e dos primeiros cristãos”** que viviam entusiasmados pela mensagem e o jeito de ser e de viver de Jesus. *“Foi o espírito do Evangelho que formou o mundo na época do Senhor”*. Somos, portanto, chamados a ser *Alter Christus* em nossa pregação, mas, sobretudo em nossa ação.

Viver o espírito puro e genuíno da Obra é **ser evangelho vivo**. Esta é uma expressão muito conhecida e ouvida no meio calabriano. Contudo, mais do que um slogan e uma palavra de efeito, essa expressão precisa ser sempre mais realidade na Obra. Padre Calábria dizia que não deveria haver discrepância entre aquilo que pregamos e aquilo que fazemos e que é urgente que **“retornemos ao Evangelho”**. O Evangelho é, na verdade, o próprio Cristo, a Palavra que é ao mesmo tempo anúncio da mensagem e a própria mensagem anunciada.

O **amor aos pobres** é outro modo de viver o espírito puro e genuíno. Trata-se do sincero amor e dedicação aos últimos, aos excluídos, chamados por São João Calábria como *“Pérolas da Obra e prediletos de Deus”*. Não podemos apenas fazer algo pelos pobres. Precisamos amá-los. Um claro sinal de que amamos os pobres é quando nós mesmos vivemos a pobreza e o desprendimento; quando estamos dispostos a *“ir aonde ninguém vai”* e a simplesmente servir aos pobres *“nossos patrões”*.

Viver o espírito puro e genuíno é, por fim, mas não menos importante: **“ter grande fé, sobretudo nos momentos mais difíceis que são os momentos de Deus”**. Viver o espírito da Obra é **viver o completo abandono à divina Providência; é viver convencidos do nosso nada** e de que tudo o que temos é dom de Deus. Até mesmo o bem que fazemos em nossas obras é para a maior glória de Deus Pai Providente cujo amor nunca abandona a nenhum dos seus filhos e filhas.



PE. OSVALDO DE OLIVEIRA, PSDP | Missão na AMECC — Guarabira/PB





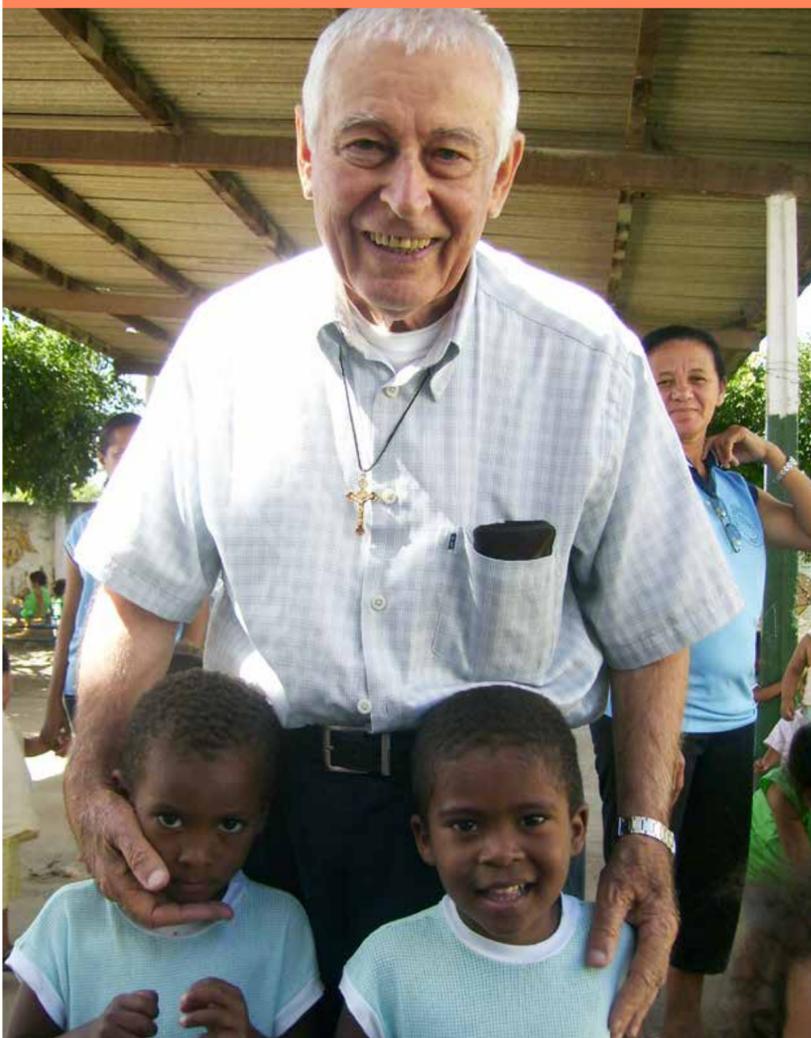
MATÉRIA DA CAPA

HISTÓRICO DA CIDADE LIMOEIRO/PE

A cidade de Limoeiro, com população aproximada de 55.439 habitantes (Censo do IBGE 2010), está localizada a 77 km de Recife, capital do estado de Pernambuco.

A economia da cidade está baseada na agricultura de subsistência, no comércio local, no funcionalismo público, de programas Sociais Governamentais e aposentadorias. Considerada uma cidade de pequeno porte, por sua vez apresenta grandes dificuldades como: altas taxas de pobreza, tráfico e consumo de drogas, trabalho infantil, desemprego atrelado a baixos salários, violência e prostituição.

A população da cidade vive em situação de vulnerabilidade e/ou risco social, sendo privada das condições básicas de subsistência (alimentação, saneamento básico, escassez de água...). As residências são precárias e situadas em local de difícil acesso, decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros).



PADRE LUIS CECCHIN

Luis nasce em 11 dezembro de 1924, em San Martino di Lupari (Itália), filho de Giovanni Cecchin e Anna Bolzon. Ordenado presbítero em 26 de junho de 1949. No ano de 1969 é enviado em missão ao Brasil, no estado do Pernambuco. Chega em Limoeiro no dia 26 de maio do mesmo ano.

O Padre Luis, percebendo a realidade local, começa a recolher crianças e adolescentes das ruas e de famílias desestruturadas. Nasce, assim, em 1970, o "Centro de Formação de Menores". Inicialmente frequentavam 50 a 100 crianças e adolescentes.

A vida de Padre Luis foi de intensa caridade

e luta contra as injustiças sociais. Ele era um profeta, na sua fala e atuação. Mesmo sofrendo perseguição, manteve-se fiel à Igreja e a sua vocação. Declarado cidadão limoeirense em 1989, e em 2009 cidadão pernambucano.

Em 25 de março, o dia do "sim" de Maria na Anunciação, Padre Luis retorna a casa do Pai. Repetia muitas vezes: "o 'sim' de Maria gerou o meu 'sim'". Seu corpo é acompanhado em 5 de abril de 2010 por uma enorme multidão ao seu túmulo, ao lado do altar da igreja de São Sebastião, em Limoeiro, onde muitos limoeirenses dirigem-se para rezar e pedir graça.



 PE. LUIS CECHIN COM EDUCANDOS DO IPLC

HISTÓRICO E DADOS ATUAIS DO IPLC

Em meados de 1969, chega à cidade de Limoeiro Padre Luis Cecchin, enviado em missão para exercer o ministério presbiteral. Testemunha um cenário de miséria decorrente das várias formas de violação; violência e privação de direitos vivenciados por parte da população empobrecida, especialmente por crianças e adolescentes. A partir de sua inquietação e luta por igualdade, juntamente com duas Irmãs da Congregação Franciscanas de Maristella (Joanita Sell e Edwina Huber) iniciam uma pesquisa na cidade, com o objetivo de fazer um levantamento quantitativo acerca de quantas crianças estavam fora da escola e qual a motivação de estarem nesta situação perambulando/mendigando pelas ruas da cidade.



SEDE DO IPLC 1971

No ano de 1970, surge o “Centro de Formação de Menores” com o objetivo de acolher e oferecer assistência para crianças, jovens, adolescentes e suas famílias em situação de risco e vulnerabilidade social promovendo a formação e a profissionalização.

Em 26 de março de 2010, após a morte do Padre Luis Cecchin, a entidade recebe o nome de Instituto Padre Luis Cecchin — IPLC. Conseqüentemente em 28 de fevereiro de 2011, o IPLC passa a ser uma das atividades da Congregação Pobres Servos da Divina Providência, fundada por São João Calábria. Ainda no período de 2014 a 2016, a fim de melhor atender a comunidade na continuidade de sua missão, a estrutura física do Instituto passou por um processo de reforma e ampliação.



FAIXADA DO IPLC ATUALMENTE

O IPLC, através das diversas atividades prioriza em sua essência ações de proteção e desenvolvimento às crianças, adolescentes e jovens e assegura espaços de referência para o convívio comunitário, social, solidário e de respeito mútuo. A forma de atendimento se dá nas seguintes modalidades:

CRECHE PADRE LUIS CECCHIN EM PARCERIA COM A PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMOEIRO

Nesta modalidade é oferecido atendimento a crianças de ambos os sexos, com idades de 01 a 03 anos.



SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS (SOCIOEDUCATIVO)

Executado no período contra turno escolar (manhã/tarde), destinado a crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades de 06 a 15 anos. Nesta atividade acontece formação Humano/Cristã e oficinas de





lazer, música, biblioteca, inclusão digital, horticultura, reforço escolar, artesanato... além de serem trabalhados temas transversais sobre cidadania e protagonismo social.

Na execução destas atividades os beneficiários recebem assistência alimentar e odontológica, atendimento psicopedagógico (quando se identifica a necessidade), como também periodicamente são realizadas visitas domiciliares aos assistidos visando conhecer o beneficiário atendido em seus vários aspectos, favorecendo o acompanhamento sistemático e contribuindo para a autonomia dos mesmos. Sendo assim, de forma direta e indireta, comunidade e família participam das atividades e formações desenvolvidas e propostas pela Entidade.

CURSOS PROFISSIONALIZANTES

Destinados à adolescentes, jovens e adultos de ambos os sexos com idades entre 16 a 59 anos nos turnos manhã e tarde. Os cursos ofertados são nas áreas de Corte e Costura, Informática, Marcenaria e Tornearia Mecânica com duração de 05 meses no qual, aprendem as técnicas de profissionalização com aptidões de acordo com cada modalidade e ao final do curso os educandos recebem o certificado para ingressar no mercado de trabalho. Ainda nesta modalidade de atendimento acontecem formação humano/cristã, que por sua vez são inseridos temas transversais visando a emancipação social dos mesmos.



ATIVIDADE SÓCIO-AGRÍCOLA

Esta atividade consiste no fortalecimento da agricultura familiar de subsistência focando a importância dos agricultores na erradicação da fome e da pobreza. Para tal, o IPLC cede anualmente (mediante contrato de locação) para família agricultora a terra arada e pronta para o plantio.

Para atender a estas demandas, o IPLC conta com um quadro de 25 colaboradores contratados, 08 colaboradores cedidos pela prefeitura Municipal de Limoeiro e um grupo de voluntários da comunidade. Além disso temos 03 religiosos, 02 religiosas que acompanham a atividade.

Visando atender a demanda da comunidade encontra-se em execução o projeto de construção de uma nova Creche, com o objetivo de atender a 120 crianças. Além disso, juntamente com a Paróquia Nossa Senhora do Carmo está desenvolvendo o “Projeto Caridade”, espaço onde pessoas carentes buscam apoio em suas necessidades pontuais como: vestuário, alimentos, medicamentos dentre outros.

Portanto, o Instituto Padre Luis Cecchin através da visão e missão promove valores sociais, religiosos e profissionais. Desenvolve potencialidades fortalecendo de vínculos familiares e comunitários, dignificando e empoderando crianças, jovens e adolescentes no exercício da cidadania, inserindo-os em um ambiente socioeducativo e no mercado de trabalho integrador de coletividades, acolhida e de proteção levando adiante os sonhos do Padre Luis Cecchin e de São João Calábria de ter olhares especiais sempre aos mais necessitados.

Padre Luis foi e continua sendo um grande testemunho de amor ao Reino de Deus, com muitas obras direcionadas a promoção à vida, especialmente aos mais sofridos. Que a sua vida e missão continuem irradiando um grande ardor missionário em nosso meio.



ANA PATRÍCIA DE ALMEIDA, Colaboradora do IPLC



CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CALABRIANA NA MISSÃO DO IPLC

A chegada da Congregação Pobres Servos da Divina Providência a Limoeiro, aconteceu em 28 de fevereiro de 2011, especificamente para assumir as atividades do IPLC e levar adiante os trabalhos de evangelização com a criação da área Pastoral Nossa Senhora do Carmo, na qual no dia 19 de julho de 2015 foi elevada a Paróquia.

Olhando na perspectiva da Espiritualidade Calabriana não é muito difícil descobrir a semelhança entre o Padre Luis Cecchin e São João Calábria, pois há uma comunhão entre dois homens, que se traduz numa missão voltada aos mais pobres e necessitados.

A introdução da Congregação, na missão do Instituto, agregou na vivência a radicalidade do Evangelho, estimulando todos a serem “Evangelhos vivos” onde quer que estejamos. Toda a família do IPLC (beneficiários, colaboradores e comunidade) foi agraciada por conhecer e conviver com Padre Luis, e na atualidade prosseguir com o seu legado afirmando a vivência da Espiritualidade Calabriana no fortalecimento da fé e o abandono a Divina Providência que se manifesta fielmente em cada projeto.



DEPOIMENTOS

“Frequento o Instituto desde os 2 anos de idade quando iniciei na creche. Foi o primeiro contato com o Pe. Luis. Lembro, ainda hoje, que quando ele chegava corríamos para os seus braços com muita alegria e éramos acolhidos em seu colo. Para mim, é um privilégio estudar neste lugar que me acolhe com tanto amor; tornando-se um farol durante a minha trajetória. Ensinou-me muitas coisas, entre elas a mais forte: valorizar a vida e a importância de Deus no cotidiano. No IPLC acolhe-se cada criança e adolescente com sua individualidade, tornando-a parte desta grande família”.

Jefferson da Silva – Aluno do IPLC – 15 anos

“Eu amo esse ambiente, pois me identifico com ele. Faço parte do Instituto desde os 2 anos de idade, sendo acolhido com muito amor. A creche, onde iniciei, mudou a vida da minha família, por que meus pais precisavam trabalhar e me inscreverem nela. Cresci mentalmente e espiritualmente no Instituto, pois trabalha-se muito com a formação humano/cristã. Recordo sempre com alegria dos momentos de oração que tínhamos na presença do padre Luis. Seus ensinamentos foram muito importantes para as nossas vidas. Posteriormente ingressei nos cursos profissionalizantes, cursando Técnico em Informática Básica e atualmente Marcenaria”.

Luan Cosme da Silva Pereira — Aluno do IPLC — 17 anos

“Minha mãe me matriculou juntamente com meus irmãos na creche. Foi um período muito bom. Recordo com carinho das visitas do Padre Luis e das educadoras que recebíamos em casa. No Instituto recebo formação humano/cristã, participo de oficinas de higiene, artesanato... Agradeço ao Instituto por tudo que recebo, pois encontrei pessoas que me acolheram com o amor de pai e mãe, fazendo-me sentir parte dessa grande e bonita família”.

Maria das Graças Silva de Jesus — Aluna do IPLC – 15 anos

“A minha trajetória no IPLC teve início no ano de 2004, na época com 16 anos, onde fui contemplado com o Curso de Eletrotécnica. Em 2010, tive a oportunidade de fazer o curso de Eletricidade Predial, sendo hoje a profissão que exerço. Atualmente possuo minha própria Empresa de Elétrica, e ofereço oportunidade as pessoas para trabalharem. Sou muito grato primeiramente a Deus e a todos que contribuíram para a minha formação profissional e também como cristão, pois sem eles jamais seria o profissional que sou hoje”.

Paulo Negromonte Ferreira – Ex-Aluno

“Conheci o Centro de Formação de Menores, hoje IPLC, quando tinha 15 anos, pois buscava fazer um curso profissionalizante para ingressar no mercado de trabalho. Lá encontrei pessoas maravilhosas, fiz grandes amizades. Além de aprender uma profissão, nos era ensinado os valores humanos, a amar-nos e respeitar-nos como irmãos e irmãs, como uma única família. Fiz o curso de Marcenaria e assim que concluí, comecei a trabalhar na área. Logo após, ingressei na universidade, cursando Educação Física. Hoje ministro aulas de educação física em uma escola na cidade. Sou grato por todo o aprendizado que o Instituto me proporcionou, e por me incentivarem a ir em busca dos meus objetivos. Agradeço também a todas as pessoas que administram o Instituto e o mais importante, sou grato ao homem que idealizou o Centro de Formação de Menores, o Pe. Luis Cecchin”.

Marcos Henrique da Silva Moura – Ex-Aluno

“O Instituto sempre foi uma referência em educação e compromisso com as crianças, adolescente e famílias, por este motivo meus avós quiseram que eu frequentasse esta Instituição. Passei toda minha infância e boa parte da adolescência estudando no socioeducativo, onde recebi instruções e conheci pessoas maravilhosas que contribuíram para minha escolha profissional. Estou concluindo minha primeira graduação em Pedagogia, onde venho atuando na área. Olhar para o passado é sentir o cuidado de Deus na minha vida, pois graças a essa oportunidade pude vivenciar momentos que me tornaram quem sou. Por isso, sou grata por tudo que recebi e por continuarem com vosso apoio a tantas outras crianças e adolescentes que muitas vezes só precisam de um incentivo para alçarem seus objetivos de vida.”

Maria Eduarda dos Santos – Ex-Aluna

“Recordo com alegria os bons tempos que vivi no Centro de Formação de Menores, hoje IPLC. Durante os anos de 2006 e 2008 realizei os cursos de informática e eletrotécnica. Não éramos só educados para a profissão, mas a preocupação maior era tornar cada um de nós conscientes de nossa dignidade como pessoa humana e de filho de Deus, que de fato somos. Aprendemos a valorizar esta dimensão tão importante da existência humana. Não esqueço a frase que Pe. Luis repetia muitas vezes: “Prove seu amor a Deus, amando seu irmão”. Essa sólida formação humana e cristã era feita pelo nosso querido Pe. Luis e pela Irmã Elma (Franciscana Maristella). O dia-dia do Centro era vivido em espírito de família. Uma casa de portas abertas; nos portões não existiam cadeados, não sentíamos medo de entrar, estar juntos e aprender convivendo como irmãos. O modelo da Sagrada Família padroeira da Instituição era nossa inspiração.

Meu contato com Padre Luis não começou no Centro. Já bem antes o acompanhava nas celebrações e em especial nas visitas aos enfermos. Minha vivência no Centro me fez aprender a olhar e valorizar a pessoa humana em todas as suas dimensões. Perceber as múltiplas capacidades e oportunidades de crescer como pessoa, tornando-se cidadão de bem. Tornar-se protagonista de sua própria história e ajudar também outros a fazer o mesmo. Fui acolhido e animado como um filho, assim ele me chamava, filho espiritual.

Hoje sou religioso franciscano da Ordem dos Frades Menores-OFM e me sinto muito feliz e agradecido ao bom Deus, pelo dom da minha vocação, do meu chamado, pela graça que Ele me concede de poder me colocar a serviço dos irmãos, aqui onde resido auxiliando no cuidado de alguns confrades idosos e enfermos e isso me traz muita alegria ao coração. Também estou fazendo o curso de Teologia e trabalho no serviço de Animação Vocacional da Província.

Agradeço imensamente a oportunidade que tive e tenho de fazer parte da grande família do IPLC. Esta obra é de Deus, produziu e ainda irá produzir muitos bons frutos para a Igreja e sociedade. Que o Senhor nos abençoe e nos guarde!

Fr. Ronaldo César — OFM — Ex-Aluno

“Trabalho há 32 anos no IPLC como responsável do Setor de Apadrinhamento. Desenvolvo um trabalho que procura estreitar os laços apesar das distâncias, fazendo valer o valor da humildade, amizade, sensibilidade e respeito de ambas as partes. Vejo o trabalho do Instituto, ao longo destes 50 anos, como uma porta de oportunidades que se abre para aqueles onde na maioria das vezes todos os caminhos se fecharam. Aqui eles encontram verdadeiros “pais e mães” que os acolhem com muito carinho. Padre Luis foi para mim um grande mestre. Seu jeito de viver, sua simplicidade e seu olhar atento a cada criança/adolescente e família, me tocaram muito; faziam-me refletir sobre os verdadeiros valores da vida e me ensinaram a amar o outro; a fazer-me adentrar neste universo que é a dura realidade de nossos assistidos. Padre Luis não deixava nada escapar do seu olhar atento e agia com leveza ou dureza para que o bem-estar de cada criança/adolescente fosse preservado. Assim, fui cultivando a semente do amor, que me transformou. Espero que cada um que bebe dessa água, deixe-se conduzir pelo amor de Deus e permita que sua vida seja transformada.”

Maria Sônia da Silva Oliveira — Colaboradora do IPLC

“É uma alegria muito grande falar um pouco sobre o IPLC. Conheço-o desde 1982, quando comecei a me envolver em algumas atividades. Nesta época havia muitas crianças e adolescentes que não tinham um lar para morar. Incomodado com a situação, Padre Luis iniciou uma atividade denominada “Lar substituto”, no qual, recolhia as crianças das ruas e deixava aos cuidados de uma mãe substituta. Falar do Centro de Formação é falar de uma diversidade de atividades, que visavam o coração mais que a razão. Padre Luis preocupava-se com a continuação da obra quando ele não estivesse mais aqui. Com a graça de Deus, encontrou a Congregação Pobres Servos da Divina Providência que hoje dá prosseguimento as atividades usando sempre o coração e a razão. Falar do IPLC é falar da presença de Deus vivo na comunidade Limoeirense.”

Silvestre Roberto de Azevedo Neto — Colaborador do IPLC

MENSAGEM DO DIRETOR

O Instituto Padre Luis Cecchin neste ano de 2020 celebra bodas de ouro. São 50 anos de graças, bênçãos e alegria. Somos gratos a Divina Providência por todos estes anos de missão marcados por lutas e desafios contra as desigualdades sociais, contra todo tipo de violência aos mais vulneráveis, aos pobres e necessitados, mas acima de tudo vivenciados a partir da acolhida amorosa, da solidariedade, do amor partilhado a tantas crianças, adolescente e famílias, bem como a toda a comunidade Limoeirense. É bonito testemunhar a participação, o engajamento, a solidariedade de pessoas que fizeram e fazem transcender o legado deixado por Padre Luis Cecchin.

Ao chegar em Limoeiro, no Instituto, percebi a solidez desta missão fundamentada na pessoa de Jesus Cristo. Idealizada por seu fundador Padre Luis Cecchin que do seu coração amoroso fez surgir esta casa na qual muito converge com o ideal da missão Calabriana que tem na pessoa de São João Calábria, seu fundador, o desejo ardente de viver radicalmente o Evangelho e, por conseguinte ir ao encontro dos que mais precisam, dos últimos, as “Pérolas da obra”.

Adentrar nesta realidade é enriquecedor, me renova na fé, na esperança e reafirma meu propósito de servir a Deus e aos irmãos. Além dos desafios, sinto-me amparado e correspondido porque encontro pessoas próximas mesmo distantes (como Itália e Alemanha) que são solidárias e comungam deste mesmo ideal, revelando-se como instrumentos de Deus: benfeitores, padrinhos, voluntários, colaboradores, comunidade e toda a família Calabriana.

No compromisso de continuar semeando a boa semente e na perspectiva de que cedo ou tarde ela vai germinar, o Instituto continua empenhado em fazer acontecer sua missão em “Promover crianças, adolescentes e suas famílias empobrecidas, oferecendo-lhes assistência, Formação Humano/Cristã, Educação e Profissionalização, tendo em vista uma consciência crítica da realidade e do valor de sua pessoa, buscando interferir nas estruturas sociais para o exercício da cidadania.” Acima de tudo contribuir “...para que alcancem uma vida digna como Deus quer para todos os seus filhos e filhas.” (Pe. Luis Cecchin).

"A oração suscita sempre sentimentos de fraternidade, abate as barreiras, supera os confins, cria pontes invisíveis, mas reais e eficazes, abre horizontes de esperança" (Papa Francisco). Agradeço a todos pela confiança depositada e peço que continuemos unidos em oração, no amor a Deus e aos irmãos.



IRMÃO LAURI CARLESSO, PSDP | Diretor Operacional



RELIGIOSOS E RELIGIOSAS QUE PASSARAM PELO IPLC

No decorrer de toda história do IPLC a Congregação Irmãs Franciscanas de Maristella tiveram participação fundamental como co-fundadoras desta Instituição. Dentre muitas outras, destacamos as pioneiras juntamente com Padre Luis Cecchin, Ir. Joanita Sell, Ir. Edwina Huber.

POBRES SERVOS E POBRES SERVAS DA DIVINA PROVIDÊNCIA

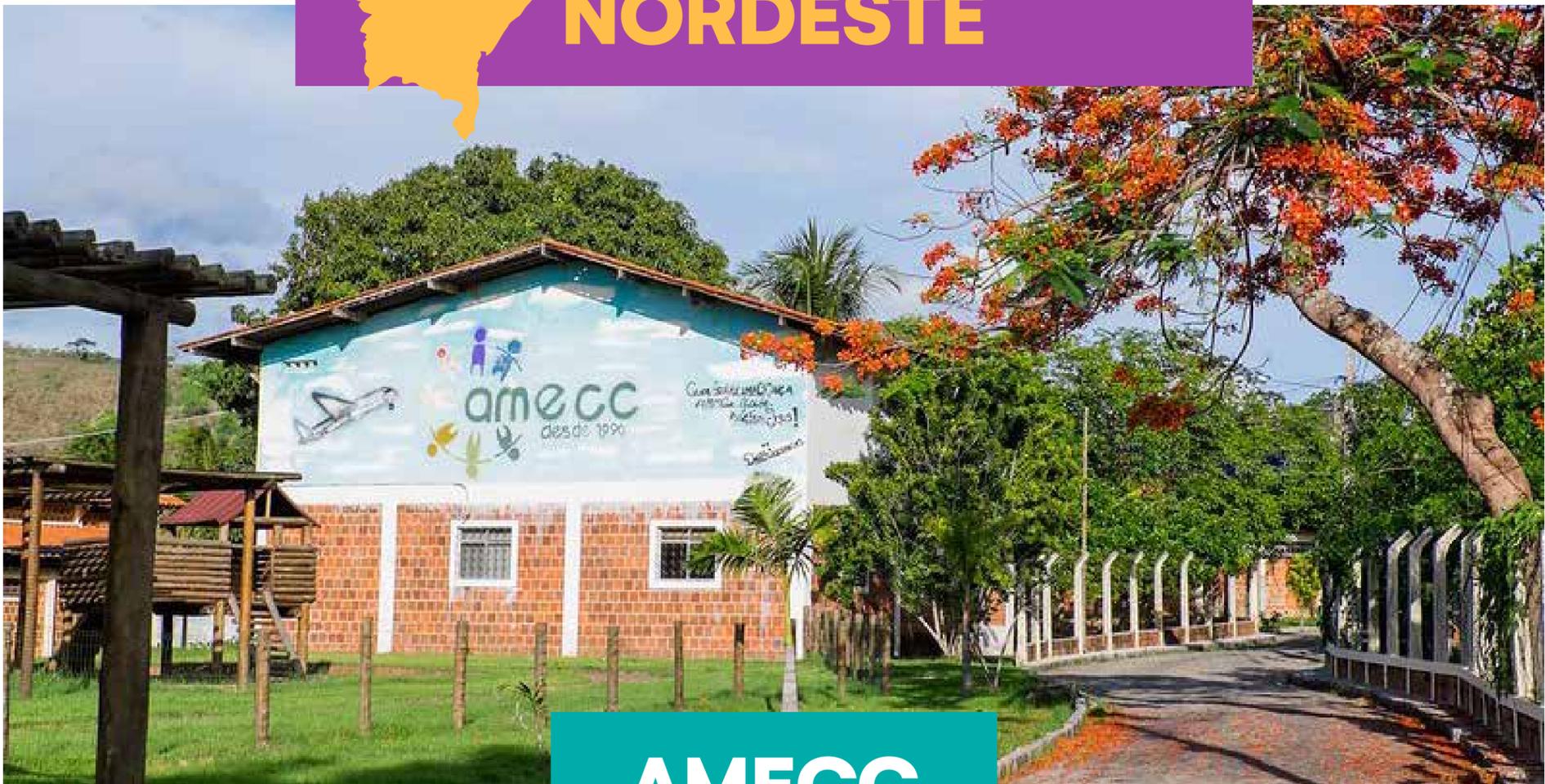
- Ir. Roque Kasmirski
- Ir. Ednaldo de Jesus Santos
- Ir. Rogério Veronese
- Ir. Maicon Bartelle
- Ir. Paulo Santos da Silva
- Pe. Gilson Bertamoni
- Pe. José Barbosa
- Pe. Lino Manuel Kalussendo Aguiar
- Pe. Manuel Oliveira
- Pe. Marcos Antônio da Silva
- Ir. Juliana Vidal

ATUAIS

- Pe. Osmair José Collazziol
- Pe. Antônio Nazzari
- Ir. Lauri Carlesso
- Ir. Anésia Saraiva
- Ir. Idete Gasparetto



ESPECIAL REGIONAIS NORDESTE



AMECC

Associação Menores Com Cristo — AMECC, com sede em Guarabira — Paraíba, iniciou seu trabalho de forma muito simples, mas com muitos sonhos e esperança em 1990. Sentimos os sinais de Deus que progressivamente aproximou a Congregação Pobres Servos da Divina Providência da promissora iniciativa do Padre Geraldo Brandstetter. Padre de origem alemã cuja sensibilidade e compaixão pelos mais necessitados se fez evidente.



Pe. Geraldo costumava visitar o presídio da cidade e, numa dessas visitas, encontrou uma cela destinada a crianças e adolescentes. Deparou-se com um menino que lhe entregou uma carta pedindo que o retirasse da prisão e o adotasse. Em 13 de novembro de 1990, o então juiz concedeu a guarda provisória do adolescente ao Padre, sendo apoiado pelo bispo diocesano Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

O primeiro adolescente acolhido é quem deu o nome ao grupo: “Menores com Cristo”. Esse fato se assemelha, em muito, à experiência de nosso fundador, São João Calábria, que ainda quando estudante de Teologia encontrou junto à porta de sua casa, uma criança envolta em jornais. Ao acolhê-la iniciou o que seria chamada “Obra bons meninos”.

A AMECC formalizou-se como instituição em 25 de março de 1993, contando com um grupo de 40 membros. Em 1995, formou-se na Alemanha uma Associação para apoiar o trabalho com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade na Paraíba; a qual, até hoje, despende carinho e ajuda.

Atualmente 316 crianças e adolescentes são atendidas pela Associação, na forma de Acolhimento Institucional, modalidade Casas Lares; através de medida de proteção provisória de crianças e adolescentes de 0 a 18 anos de ambos os gêneros; oferece o serviço ampliado, na modalidade de atendimento dia, que acontece no contra turno escolar, proporcionando atividades socioeducativas para crianças e adolescentes vulneráveis residentes nos bairros circunvizinhos.



A AMECC tem também a Escola São Rafael, onde oferece educação formal do ensino infantil (Pré I e Pré II) até o ensino fundamental (1º ao 5º Ano) para alunos do serviço de acolhimento e de bairros periféricos da cidade.

Finalmente, acolhe, acompanha e auxilia jovens egressos com a “República Light”. Trata-se de um apoio a jovens que estejam estudando e inseridos no mercado de trabalho por meio do Programa Jovem Aprendiz.

A Congregação Pobres Servos da Divina Providência, desde agosto de 2019, assumiu a gestão da AMECC em sintonia com o Bispo Diocesano Dom Aldemiro Sena, grande incentivador das atividades da Associação.

Contamos sempre com as graças e bênçãos da Divina Providência, que ama e cuida com carinho de todos os seus filhos, especialmente dos mais necessitados. Assim, como são as crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade. Estas são a nossa riqueza, são “as pérolas da Obra”.



DIRETORIA DA AMECC





DEPOIMENTOS

“Assumir as atividades desenvolvidas pela AMECC é dar continuidade à missão que São João Calábria, fundador da Congregação, começou há 112 anos, quando acolheu o primeiro menino em sua porta.”

Ir. Lauri, PSDP — Diretor Operacional

“O nosso desafio diário é ver o rosto de Jesus no menino que chegou ao ponto zero”.

Pe. Geraldo Brandstetter — Fundador da AMECC

“Fazer parte do quadro de colaboradores da AMECC é uma satisfação. Conviver com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, carentes de tudo, é aprender a cada dia algo novo das realidades desafiadoras que acolhemos com toda dedicação. A AMECC é uma família; aqui me sinto realizada profissionalmente e como ser humano. Ser colaboradora da AMECC não é apenas realizar um trabalho, e sim, cumprir uma missão”.

Maria Aparecida Napoleão — Mãe social — Colaboradora desde 1997

“A AMECC é um lugar bastante bom. Lugar divertido com os amigos e pais sociais, além dos alemães que vem passar um tempo entre nós. A AMECC é um lugar religioso. Quando sair da AMECC vou sair com Deus. Que Deus me dê a força para poder continuar e que a fé não diminua, mas aumente sempre mais”.

Lucas da Costa Souza Cândido — Adolescente acolhido desde 2018



CENTRO SOCIAL MÃE DA DIVINA PROVIDÊNCIA

O PODER DO SERVIÇO GRATUITO

“A semente colocada no coração do jovem há de desabrochar um dia”.

(São João Calábria)

O Centro Social Mãe da Providência — CSMP é filial do Instituto Maria Galbusera, entidade de caráter filantrópico da Congregação Pobres Servas da Divina Providência. Presente em Feira de Santana, com a Missão de: Promover crianças, adolescentes, famílias e comunidades oferecendo-lhes assistência, educação, formação humana e cristã para uma sociedade justa, baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo e na filosofia Calabriana. Pretende ser, na rede sócio assistencial, um fomentador, promotor de práticas socioeducativas que garantem proteção às crianças e adolescentes em situações vulneráveis do município. Este espaço de convivência social oferece oportunidades orientadas para o desenvolvimento da sociabilidade, por meio de atividades educacionais, socioculturais e lúdicas, como perspectiva de educação integral dos sujeitos.



O CSMP iniciou suas atividades em 2006, com o objetivo de garantir um espaço educativo que favoreça o crescimento integral da criança e do adolescente. Funciona em tempo integral, com capacidade para atender um público direto de cento e cinquenta crianças e adolescentes e suas famílias; além, de estar aberto para acolher demais usuários da comunidade em atividades esporádicas. Tem como principal serviço o de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e a Escola Mãe da Providência; possui um caráter preventivo e proativo, pautado na garantia e defesa de direitos, no desenvolvimento de capacidades e potencialidades dos usuários. Com a oferta do serviço, o Centro garante a segurança de acolhida e de convívio familiar e comunitário. O público atendido é oriundo do território de abrangência do Centro.

Os órgãos de apoio da Direção do Centro como: a comunidade religiosa, o setor pedagógico, psicopedagógico, psicológico, assistência social e da pastoral escolar são muito importantes para identificar as demandas, planejar e monitorar as ações, visando sempre o desenvolvimento integral do aluno e a qualidade do serviço ofertado.

A parceria escola-família é fundamental; porque juntos traçam metas de forma simultânea, com o objetivo de propiciar ao aluno uma segurança na aprendizagem, de forma a criar cidadãos críticos, capazes de enfrentar a complexidade de situações existentes na sociedade. Durante todo o ano letivo as famílias são mobilizadas para participar da vida escolar dos filhos.

O Centro Social, por meio da Escola Mãe da Providência, promove o acompanhamento diário dos estudantes, oferecendo alimentação, momentos de estudos, cuidados, oficinas de múltiplas linguagens e formação integral. Vincula às atividades pedagógicas às rotinas diárias de alimentação, higiene e recreação. Oferece espaços adequados, fazendo com que todos sintam-se bem nos momentos que estão na escola.

O Serviço Social enquanto setor encarregado de acompanhar as famílias e articular a rede no Centro Social, atua na equipe interdisciplinar, dialogando com todos os setores do Centro Social buscando garantir os direitos sócio assistenciais dos usuários. Atende diversas demandas apresentadas pelo Centro no intuito de viabilizar, não apenas o acesso, mas, a permanência das crianças e adolescentes nas atividades ofertadas.

O CSMP conta com várias parcerias, que são de suma importância para o bom andamento e qualidade dos serviços prestados, tanto no período matutino com o ensino fundamental I, quanto no vespertino através das oficinas e do acompanhamento feito às famílias. O Centro conta com a Prefeitura Municipal de Faria de Santana; do Serviço Social do Comércio — SESC; Programa Mesa Brasil, assim como das doações do comércio local de pessoas físicas e jurídicas. Dentre as pessoas físicas contamos com amigos que fazem parte ou não de grupos e movimentos da comunidade e dos voluntários da área de saúde.

É possível testemunhar a presença amorosa da Providência Divina, que cotidianamente oferece mais do que o necessário para o bom desempenho das atividades e atingir os objetivos propostos.



IR. LORIS TREVISOL, PSDP | Diretora

TESTEMUNHAR COM ALEGRIA A PRESENÇA DE CRISTO

Gostaria de fazer uma breve reflexão, olhando para a Vida Consagrada, celebrada em toda a Igreja no dia 02 de fevereiro, motivado pela passagem do Evangelista São Mateus 9,15: “Podem os amigos do esposo 'estar triste', enquanto o esposo está com eles?” Na ocasião Jesus está respondendo aos fariseus que o provocavam e questionam. Convido a transpormos este questionamento desta forma: “Podem os Consagrados 'estarem tristes', enquanto o esposo está com eles?” A resposta é enfática: NÃO!

Papa Francisco, dirigindo-se aos Consagrados disse: "Onde estão os consagrados, as religiosas e os religiosos, há sempre alegria, há sempre júbilo!" (ALEGRAI-VOS. Carta Circular aos Consagrados e Consagradas. 02/02/2014).

Sim, onde estão os Consagrados deve estar a alegria, a esperança, a fé, a caridade, a ternura de Deus. Todos os Consagrados são os olhos, as mãos, os pés e o coração de Deus no mundo. Expressão do amor infinito e misericordioso que acolhe, perdoa, cuida, protege especialmente os mais fragilizados.

Onde estão os Consagrados há vida nova, recordava o Papa Francisco em sua mensagem no ano passado. Uma vida que vem da comunhão com o Senhor. Onde estão os Consagrados acontece um encontro vivo com o Senhor no seu povo, continuou o Papa. Isso porque nós devemos ser os portadores de uma alegria, de um júbilo que vem do encontro pessoal com Jesus. Porque somos acolhidos, amados, queremos acolher e amar, ser o amor de Deus encarnado no dia a dia.

Nossa alegria e entusiasmo vem da certeza que o Senhor, o noivo está sempre conosco. Quando nos afastamos dele, toda a nossa existência se enche de sombras, dúvidas, incertezas. A ausência do Senhor torna nossa vida infértil, raquítica, triste. Tornamo-nos um contratestemunho porque sentimos necessidade de se apegar as coisas deste mundo. As nossas misérias e fraquezas ganham força e o amor de Deus é aniquilado em nós.

Cada Consagrado e Consagrada deve renovar diariamente a certeza de ser amado por Deus. Escolhidos não por sermos melhores, mas porque Deus nos olhou com predileção e misericórdia. Assim, Ele nos quer mais perto de si, vivendo para Ele e com Ele. Quanto mais nos abandonamos confiantemente a Ele melhores instrumentos nos tornamos.

Quando vivemos com esta certeza, de que Ele está sempre conosco, fazemos a nossa missão com mais entusiasmo, amor e gratidão. Gratidão porque Ele quis contar conosco; amor porque somos canais do amor infinito do Senhor; entusiasmo porque a força que nos impulsiona vem do Espírito Santo. Assim a Vida Consagrada torna-se sinal de profecia num mundo onde imperam a ganância, o poder, a superficialidade, a tristeza, o apego as coisas.

Consagrados e Consagradas! O Senhor está sempre conosco e isso nos basta. Ele nos chamou, consagrou, enviou e acompanha. O que mais queremos? Tudo o resto é supérfluo e ilusão. Por isso precisamos viver sempre a nossa vocação com leveza, alegria, amor, pois o Senhor não nos impõe um fardo insuportável, uma vida triste, muito pelo contrário o seu "jugo é suave e seu fardo é leve" (Cf. Mt 11,30). Pesado é o jugo que o mundo impõe. Pesados são os nossos pecados que nos escravizam. A graça de Deus é suave e leve, ou seja, ela nos torna mais livres e nos enche de alegria.

Esse testemunho torna-se sempre mais necessário. É a melhor promoção vocacional que temos. A nossa vida deve ser sinal que aponta para os bens eternos. Assim, outros irão desejar esta experiência pois veem em nós pessoas que transformam o que tocam, porque tudo o que somos, realizados, falamos, pensamos, sentimos, propomos está imbuído do amor de Deus.

Precisamos cuidar e zelar pelo dom da nossa Vocação e da nossa Consagração. Se não o fizermos ele será tirado e dado a outros que irão cuidar bem dele. Cuidar da vocação porque é dom de Deus. Dom colocado a serviço. Cuidar para não ser contaminado pelo ativismo, preguiça, tibieza, frouxidão. A consagração é um compromisso sério assumido com o Senhor. Não podemos brincar com o que vem de Deus, com aquilo que dele recebemos, porque o Senhor não brinca com a vida dos seus filhos e filhas. A Salvação não é uma brincadeira, mas um ato extremo de amor. A vocação não é um acaso, mas uma relação de amor de Deus para conosco.

A vida dos Consagrados deve estar sempre permeada pela oração. A santa Missa, Adoração, Lectio Divina, Liturgia das Horas, Oração do Terço não podem ser deixados de lado. Consagrados que não rezam deixam sua essência de lado. Alimentar o espírito é imprescindível. Lembremos sempre que somos instrumentos. Seremos bom instrumento se diariamente formos a fonte e bebermos desta água viva em abundância. Quem não está em comunhão com o Senhor anuncia a si mesmo e faz prevalecer seus desejos e vontades, colocando os planos de Deus em segundo lugar.

Ele está sempre conosco e enche o nosso coração de alegria. Isso nos basta! Como bem nos coloca o livro de Neemias: “Não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força” (Ne 8,10). A alegria do Senhor nos dá forças frente os desafios porque ninguém é mais forte que o nosso Deus.



PE. HERMES JOSÉ NOVAKOSKI, PSDP | Formador



PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO CARMO

“Igreja viva, comunidade de comunidades em estado permanente de missão”.

Gratidão é o sentimento que define o momento atual na Paróquia Nossa Senhora do Carmo — Limoeiro/PE, criada em 2015 pela Diocese de Nazaré. Desde, então, a caminhada evangelizadora é conduzida pelos Pobres Servos da Divina Providência, atualmente por Padre Osmair José Collazziol (Pároco), Padre Antônio Nazzari, Irmão Lauri Carlesso e com a preciosa ajuda das Irmãs Anésia e Idete. São 18 comunidades e cerca de 30 Pastorais, Grupos, Movimentos e Serviços atuantes; fazendo desta, uma Igreja viva.



O entusiasmo missionário é alimentado pela percepção de que participamos de uma Igreja verdadeiramente em saída, “Comunidade de comunidades em estado permanente de missão”. Este sentimento de pertença inunda nossos corações de alegria e nos renova para continuarmos nossa missão, a serviço do Reino.

O trabalho missionário segue uma dinâmica que favorece a participação de todas as lideranças. Anualmente é elaborado o calendário paroquial; precedido de uma avaliação

do ano anterior, pré-assembleia e assembleia com a presença de todas as lideranças da Paróquia. As decisões coletivas são enfocadas no Horizonte, Valores, Prioridades e Ações Evangelizadoras previstas para o ano; refletindo, também, as diretrizes Diocesana. O referido calendário favorece a unidade e comunhão, conduzindo-nos a um trabalho colegiado. O acompanhamento é realizado no CPP mensal, ocasião em que todas as lideranças recebem formação, atualizam a vivência das ações paroquiais, e, posteriormente, em suas Comunidades e Pastorais, repassam e planejam suas ações específicas.



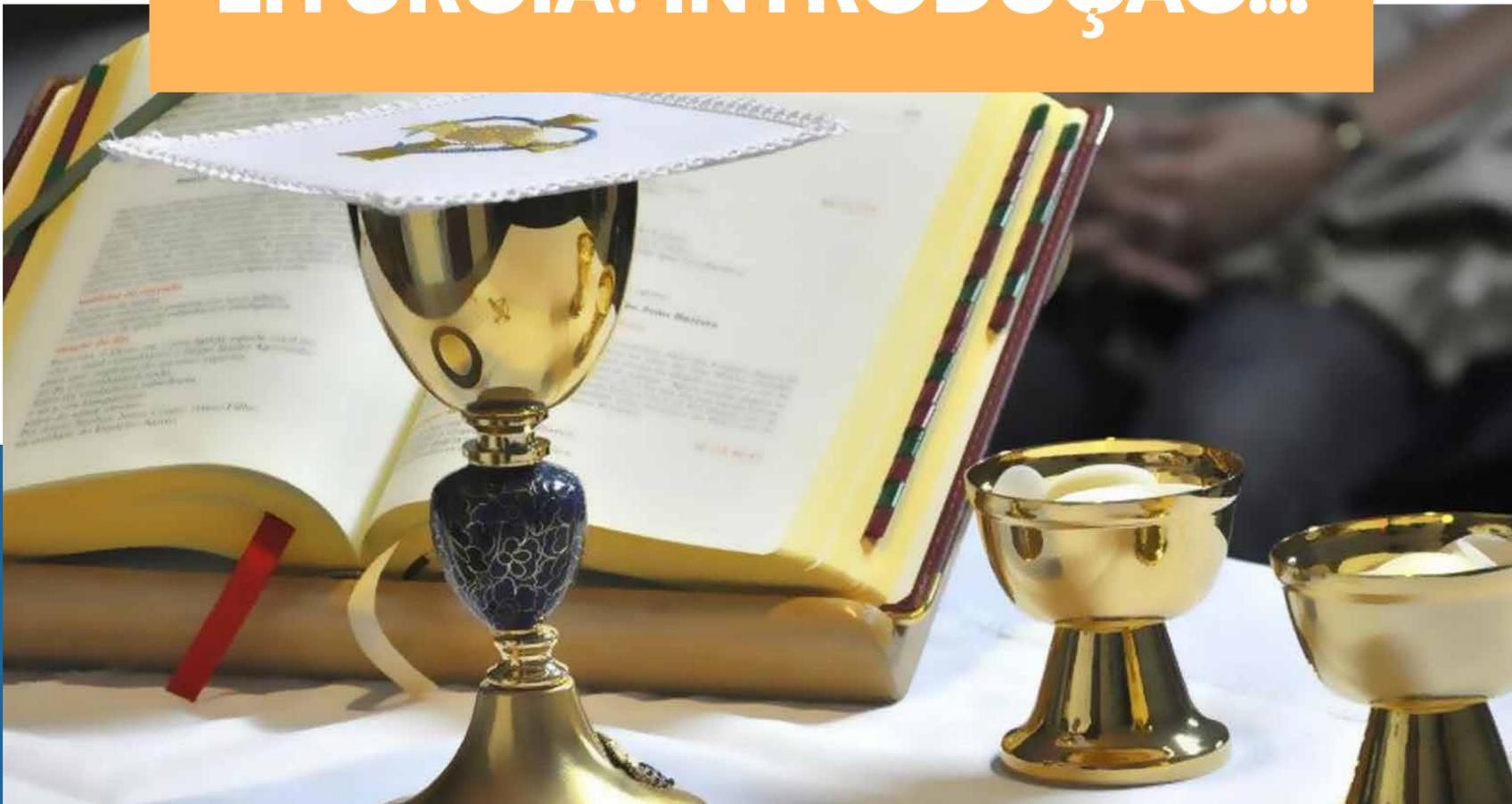
Como destaque, salientamos a formação de lideranças; a preocupação missionária nas áreas sem assistência religiosa; o objetivo de unificar as ações caritativas da Paróquia pelo Projeto Caridade; o crescimento da Pastoral do Dízimo; a participação de todas as Comunidades nos Festejos dos padroeiros e a Iniciação Cristã dos adultos. Alegramo-nos também, com a estruturação do ECC — Encontro de Casais com Cristo e com o CPJ — Conselho Pastoral de Juventude; além, do crescimento de vários corais do ministério de música, da Pastoral Vocacional e Pastoral da Sobriedade.

Ainda há vários desafios a serem enfrentados, entre eles a espiritualidade específica de cada pastoral; a visita missionária permanente em cada comunidade de modo a favorecer o atendimento aos idosos, enfermos, famílias enlutadas; a formação de novas lideranças; estruturação física; vida sacramental mais frequente, comunicação e participação nas adorações.

Em tempos de profundas transformações, no contexto da cultura urbana, somos chamados a cultivar uma profunda espiritualidade; uma conversão pastoral de pequenas comunidades eclesiais missionárias, com a necessidade de que cada comunidade seja “comunidade casa”; espaço de encontro, experiência, ternura, vínculos fraternos e aberta a todos. Comunidades com ardor missionário e proximidade aos menos favorecidos. Comunidades que tenham fé, convicção e amor nas ações cotidianas de Evangelização.



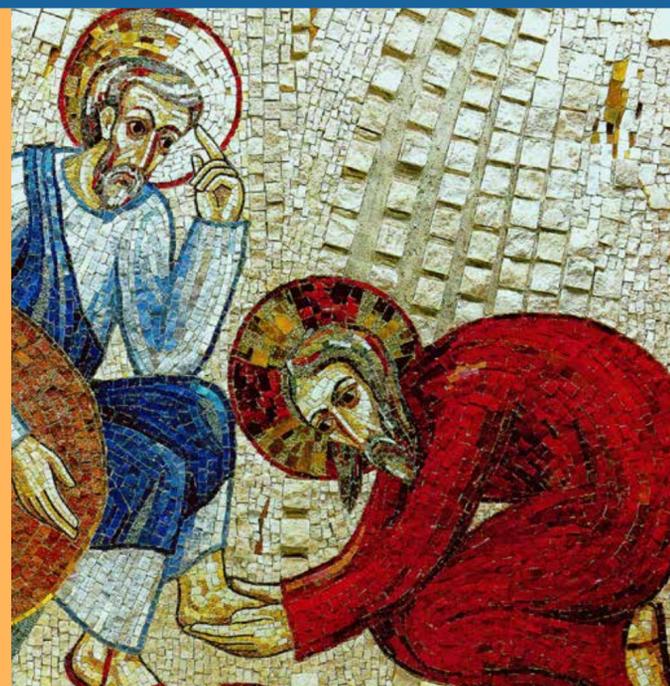
LITURGIA: INTRODUÇÃO...



Iniciar um diálogo sobre Liturgia, no Brasil e na Congregação, é buscar falar sobre um assunto tabu. Mesmo, assim, sabendo desta complexidade sentida nas rodas de conversa, buscar-se-á construir um caminho inicial de reflexão sobre o que de fato é Liturgia, e não aquilo que “eu” penso que seja Liturgia; ou muito menos ficar preso a um estudo visto na faculdade, ou em alguns cursos. Já que por ocasião do tempo em que cada pessoa estudou sobre Liturgia, pode ter acontecido, que a mesma, tenha sido apresentada com outras perspectivas, sem o uso dos Documentos da Igreja e as orientações dos Santos Padres, dentro de uma noção “progressista” e não conduzida pela ação do Espírito Santo. Pois, assim, como disse Dom Armando Buccioli, ex-presidente da Comissão Episcopal Pastoral de Liturgia da CNBB, na 56ª Assembleia Geral: “Ninguém na Igreja é dono da liturgia. Eu não sou dono, sou servidor. Também o Papa é servidor da Igreja, o primeiro. E, portanto, eu não posso manipular a liturgia ao meu bel prazer... segundo o que eu chamo de ‘criatividade selvagem e fantasia’”. Somos convidados a abrir nossa mente e coração, para que seja Deus a agir e mostrar o caminho da Liturgia.

O QUE É LITURGIA?

Liturgia significa “serviço da parte do povo e em favor do povo” (Catecismo da Igreja Católica, n. 1069). Liturgia é serviço, atividade, missão; realizada pelo povo, pela comunidade. Não é uma ação isolada, ou mesmo individualista de um grupo específico, mas uma ação do Povo de Deus, da unidade da Igreja; e em benefício do povo, pois a obra de redenção se faz presente nessa ação.



PARA QUE LITURGIA?

“Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de sua bem-aventurada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão. Por este mistério, Cristo ‘morrendo, destruiu nossa morte, e ressuscitado, recuperou nossa vida’. Pois do lado de Cristo adormecido na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja.” (Sacrosanctum Concilium, n. 5). Razão esta pela qual, na Liturgia, a Igreja celebra a obra da redenção, realizada por Cristo. “Com efeito, a liturgia, pela qual, principalmente no divino sacrifício da Eucaristia, ‘se exerce a obra de nossa redenção’, contribui do modo mais excelente para que os fiéis, em sua vida, expressem e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja.” (SC, n. 2)

Falar de Liturgia, celebrar a Santa Missa não pode fazer-nos esquecer o verdadeiro sentido de estarmos vivendo-a. No momento em que perco o significado da Liturgia, sua origem, o por que a celebramos e a forma que a fazemos, abre-se um campo vasto de possibilidades para não se viver mais o mistério da salvação; de realizar, fazer “coisas” que desvirtuam, banalizam e até negam o sacrifício de Cristo.

QUEM É O SUJEITO LITURGIA?

Liturgia, serviço da parte do povo, não tem no povo o seu sujeito, mas em Deus. Papa emérito Bento XVI diz que a Liturgia “é o ato no qual cremos que Deus entra na nossa realidade e nós o podemos encontrar e tocar. É o ato no qual entramos em contato com Deus: Ele vem a nós, e nós somos iluminados por Ele. Por isso, quando nas reflexões sobre a liturgia focalizamos apenas o modo como a tornar atraente, interessante e bonita, corremos o risco de esquecer o essencial: a liturgia celebra-se para Deus, e não para nós mesmos; é obra sua; Ele é o sujeito; e nós devemos abrir-nos a Ele e deixar-nos guiar por Ele e pelo seu Corpo, que é a Igreja.”⁶

Papa Francisco, afirma que se deve “reconhecer a realidade da sagrada liturgia, tesouro vivo que não pode ser reduzido a gostos, receitas nem correntes, mas deve ser ouvido com docilidade e promovido com amor, porque é alimento insubstituível para o crescimento orgânico do Povo de Deus. A liturgia não é ‘autoajuda’, mas epifania da comunhão eclesial. Por conseguinte, nas orações e nos gestos ressoa o ‘nós’ e não o ‘eu’; a comunidade real, não o sujeito ideal. Quando se desejam nostálgicamente tendências passadas ou se querem impor outras novas, corre-se o risco de antepor a parte ao todo, o eu ao Povo de Deus, o abstrato ao concreto, a ideologia à comunhão e, no fundo, o mundano ao espiritual.”⁷

A Liturgia, mesmo sendo este serviço realizado pelo povo, não pode deixar-se confundir e esquecer quem é o sujeito desta ação; quem deve estar em destaque, a conduzir o culto, a oração. Não sermos nós, aqueles que aparecem, mandam e desmandam, segundo o nosso bel prazer. Devemos recordar a origem, ou seja, que a Liturgia é obra de Deus e nós meros instrumentos “da multiforme graça de Deus” (1 Pd 4,10). Tendo em mente e coração este sentimento, não sobraria espaço para que acontecesse desvios litúrgicos, liturgias selvagens e o exercício de

⁶ BENTO XVI, Papa. **Audiência Geral**, 3 out. de 2012. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121003.html. Acesso em: 03 dez. 2019.

⁷ FRANCISCO, Papa. **Discurso aos participantes na Assembleia da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos**, 14 de fev. de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190214_cong-culto-divino.html. Acesso em: 06 dez. 2019.

criatividades egoístas. Onde “tantas pessoas, tantas comunidade, afadigam-se tentando recriar continuamente as celebrações litúrgicas ao gosto dos fiéis e mesmo daqueles que não têm participação na vida eclesial e ‘visitam a liturgia’ só ocasionalmente”⁸.

QUEM CELEBRA A LITURGIA?

O *Catecismo* apresenta que a Liturgia é ‘ação’ do ‘Cristo todo’. Na qual, os celebrantes da Liturgia celeste, narrada no livro do *Apocalipse de São João*, são: o Senhor Deus; o Cordeiro: Cristo crucificado e ressuscitado; o rio da água viva: o Espírito Santo. Os “recapitulados” em Cristo: as potências celestes, a criação inteira, os servidores da antiga e nova aliança, o novo povo de Deus, os mártires, a Santa Mãe de Deus e, por fim, uma multidão imensa. Os celebrantes da Liturgia sacramental são: toda a comunidade dos batizados, ou seja, os membros da Igreja. (cf. *CIC*, n. 1136–1141). Percebe-se, assim, que a celebração da Liturgia une os fiéis que estão no céu com os da terra, mais uma vez, demonstrando que não é a individualidade que conduz, não é o “Eu” que determina, mas a Comunhão, fruto da presença de Deus em nós. Recordando que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é ‘sacramento de unidade’, isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos. Por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual.” (SC, n. 26).

Na Liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente seu mistério pascal (cf. *CIC*, n. 1085); confia aos Apóstolos, por doação do Espírito Santo, o poder de santificação, tornando-os sinais sacramentais de Cristo, passados para seus sucessores (cf. *CIC*, n. 1087). “Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas.” (SC, n. 7)

RESUMINDO, PODEMOS DIZER QUE:

Liturgia é fonte de oração; por meio da participação da oração de Cristo, direcionada ao Pai no Espírito Santo.

Liturgia é fonte de vida; a Eucaristia é “fonte de toda a vida cristã” (Lumen Gentium, n. 11).

Liturgia é fonte donde emana toda a força da Igreja (cf. SC, n. 10). Momento privilegiado para a catequese do povo de Deus.

Viver a Liturgia é poder reconhecer que “somos simples servos, fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17,10). A partir do que foi exposto, o que entendemos de Liturgia?

São João Calábria referir-se-á, na Solenidade de Páscoa, sobre a grande importância da Liturgia: “A isso nos convida a Igreja com as comoventes expressões da sagrada liturgia, exortando-nos a depor o homem velho e a revestir-nos do homem novo. ‘Se realmente ressuscitastes com Cristo, procurem as coisas do alto, nada mais desejando a não ser as coisas do céu: ‘quae sursum sunt, quaerite, quae sursum sunt sapite.’”⁹

⁸ ASSUNÇÃO, Rudi Albino de. *O sacrifício da palavra: a liturgia da Missa segundo Bento XVI*. Campinas: CEDET, 2016. p. 46.

⁹ CALÁBRIA, Pe. João. *Carta aos Religiosos*: Carta LVI — Sábado Santo, 25 de mar. de 1948.



SANTA DULCE DOS POBRES



Irmã Dulce se tornou a primeira santa nascida no Brasil. Após ter dois milagres reconhecidos pelo Vaticano, ela foi canonizada, se tornando a Santa Dulce dos Pobres. Mas afinal, quem é o anjo bom da Bahia que virou a primeira santa brasileira?

Nascida em Salvador em 26 de maio de 1914 com o nome de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, desde muito cedo se envolveu com a religião e o cuidado dos mais necessitados. Com apenas 13 anos, acolhia doentes e mendigos em sua casa. Adotou o nome de Irmã Dulce aos 19 anos, em homenagem à sua mãe. Foi nessa época que entrou para a vida religiosa, e passou a fazer parte das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Realizando vários trabalhos voltados à comunidade carente.

Criou a Associação Obras Sociais Irmã Dulce, com Albergue e um Centro Educacional para abrigar meninos sem referência familiar. O centro, atualmente, atende 750 crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Ela também foi a responsável pela criação do Hospital Santo Antônio, um dos maiores da Bahia. O hospital surgiu quando a Irmã Dulce improvisou um abrigo para atender pacientes no galinheiro do convento. Hoje, o hospital realiza mais de 3 milhões de atendimentos pelo SUS por ano.

Toda essa dedicação fez com que ela chamasse a atenção do Papa João Paulo II, que a incentivou a dar continuidade aos seus trabalhos. Em sua segunda visita ao Brasil, o papa quebrou os protocolos apenas para visitar a Irmã Dulce, que já estava doente. Em 1988, chegou a ser indicada ao prêmio Nobel da Paz.

OS MILAGRES ATRIBUÍDOS A IR. DULCE:

O primeiro deles aconteceu em 2001, nove anos após sua morte. Cláudia Cristiane dos Santos relatou ter tido uma hemorragia depois do parto e foi curada após um padre rogar à Irmã baiana.

O segundo milagre reconhecido pelo Vaticano foi a cura instantânea de um cego. O maestro Maurício Moreira havia perdido a visão há 14 anos e voltou a enxergar de forma permanente após ele ter clamado por uma solução para Irmã Dulce. No dia seguinte, ele teria voltado a enxergar. Antes de ser encaminhado para Roma, o caso foi analisado por oftalmologistas de

Salvador e São Paulo, que examinaram pessoalmente o paciente e não encontraram explicação científica para a cura. Uma comissão médica em Roma também não soube explicar o que aconteceu.

A canonização da Ir. Dulce se deu no dia 13 de outubro de 2019, em Roma. No dia 20 de outubro uma grande celebração aconteceu no Estádio da Fonte Nova, em Salvador. O povo da Bahia erguia sua grande ação de graças a Deus por esta mulher tão santa e tão simples que nos indica o que significa seguir Jesus Cristo e ser Igreja.



Tive a felicidade de me encontrar por diversas vezes com Ir. Dulce. Sempre sorridente e acolhedora. Transmitia Deus no seu olhar. Sempre me deixou impressionado por sua santidade e dedicação aos mais pobres entre os pobres da Bahia.

O dia de Santa Dulce dos pobres é comemorado no dia 13 de agosto.

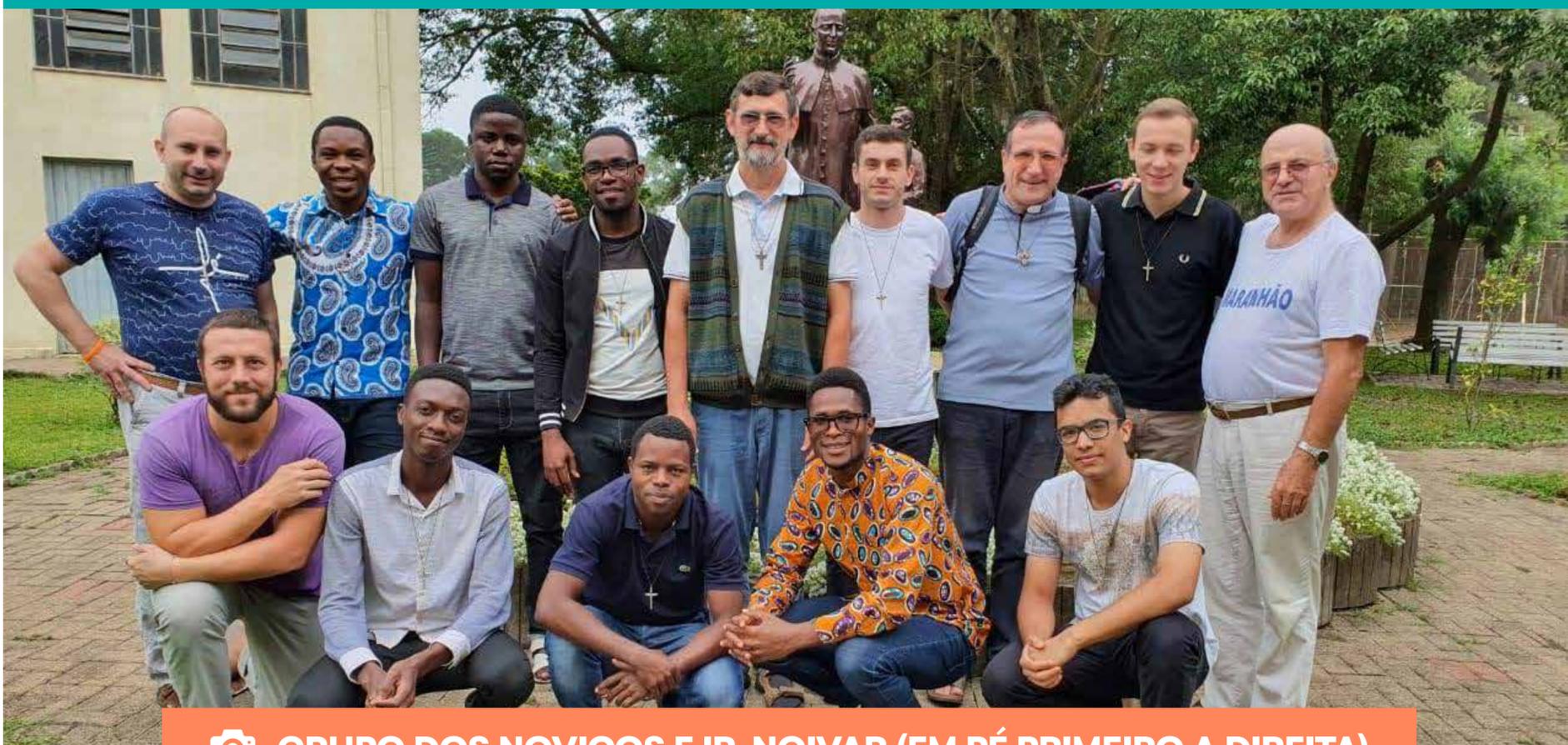
Que seu exemplo nos ajude a viver o compromisso cristão de enxergar Jesus no rosto dos nossos irmãos mais pobres e sofredores.

Santa Dulce dos pobres. Rogai por nós!



DOM JAILTON DE OLIVEIRA LINO, Bispo de Teixeira de Freitas — Caravelas/BA

IRMÃO NOIVAR BRUSTOLIN CELEBRA 45 ANOS DE VIDA CONSAGRADA



GRUPO DOS NOVIÇOS E IR. NOIVAR (EM PÉ PRIMEIRO A DIREITA)

Irmão Noivar Brustolin, nasce no dia 17 de março de 1951, em Farroupilha. No dia 2 de fevereiro comemorou 45 anos de Vida Consagrada, entrevistamo-lo para partilhar sua história familiar e vocacional.

IRMÃO NOIVAR, CONTE-NOS UM POUCO SOBRE SUA FAMÍLIA:

“Sou filho de Primo Amadeu Brustolin e Aurora Marchet Brustolin; o quarto de sete, 5 homens e 2 mulheres. Família tipicamente de colônia italiana; formação católica e forte vínculo familiar, baseada na educação, nos afazeres do dia a dia, com propensão ao trabalho, assumindo responsabilidades proporcionais ao desenvolvimento humano, seguindo o princípio da subsidiariedade, isto é, o que o pequeno pode fazer deixa-o fazer. A família vivia da própria produção com bons resultados.”

DE QUE FORMA SURTIU SUA VOCAÇÃO, IRMÃO NOIVAR? QUAIS FORAM OS SINAIS?

“O primeiro momento que lembro, em que desejei ser padre, estava sozinho. Na roça onde morávamos, todos os dias tinha que conduzir as vacas para um potreiro que ficava no alto de um morro, longe mais ou menos 1 km. Naquele dia tocou a mim este serviço. Conduzi as vacas no local estabelecido e a seguir, um tanto cansado, deitei na relva e olhando para as nuvens que giravam, fiquei meditando: a vida passa, e depois da morte vem o Céu ou o inferno, para sempre. E fiquei repetindo, sempre, sempre, sempre. Pensei: tem que viver bem para ir ao céu.

O que posso fazer para ir para o céu? Veio-me a ideia de ser padre. E guardei comigo por um bom tempo e lá pelas tantas falei com a mãe e ela gostou e apoiou. Quando chegou na hora ela foi a procura de um seminário, que na primeira tentativa não me aceitaram por ser muito novo.”

COMO QUE O IRMÃO CONHECEU E INGRESSOU NA CONGREGAÇÃO POBRES SERVOS?

“No mês de setembro de 1964, visitou a escola o Pe. Antônio Leso — PSDP. Que passou nas salas de aula, cantando, conversando e pediu o que cada um pensava fazer na vida e no próximo ano. Distribuiu uma folha com algumas perguntas, para que nos identificássemos. À tarde, chegou na casa dos meus pais, juntamente com o pároco, Pe. Maximiliano Benini para conhecer a família. Pediu se queria fazer um estágio no final do ano em Caravaggio, pois no dia 08/12/1964, os Pobres Servos se instalariam nessa localidade.

Antes de fazer o estágio fomos visitar à casa onde funcionaria o seminário dos Pobres Servos. Fomos recebidos pelo Pe. Gino Gato que logo me pediu: ‘Para que vens no seminário?’ Eu prontamente respondi: ‘Para ser padre!’. Ele me retrucou: ‘não caro!’ Fiquei vermelho por ter sido reprovado no primeiro teste. Mas ele me tranquilizou e disse: ‘Se tu vens no seminário é para conhecer e fazer a vontade de Deus. Se esta for a vontade de Deus, então poderás entrar e ser padre.’ Eu fiquei só escutando e olhando um tanto inseguro. Ingressei em 22 de fevereiro de 1965, dia do aniversário do meu pai, que me levou, a cavalo até o Seminário de Caravaggio.”

O IRMÃO SENTIU ALGUMA DIFICULDADE NOS PRIMEIROS DIAS NO SEMINÁRIO?

“Os primeiros meses foram duros, a saudade batia. Sentia fome, pois estava acostumado a comer algo a toda a hora e no seminário era proibido. Mas aos poucos fui tecendo relações de amizade com alguns, criando o próprio grupo de amigos. Os mais velhos às vezes gozavam e nos davam apelidos, mas fomos superando as dificuldades. Lembro quando foi a primeira visita dos familiares. Vieram de camionete (Ford F100), quando a vi de longe, quase me deu um enfarte, pulei e comecei a chorar de alegria e emoção. Chegaram, abraçamo-nos, conversamos, e ficamos umas horas juntos. Esta visita me sustentou por alguns meses. Chegou a hora das férias de julho. Fui para casa a pé, mas quase correndo de vontade de chegar em casa e rever os pais e irmãos (ãs), além dos amigos.”

Irmão Noivar concluindo o Científico, morou em Porto Alegre para cursar Filosofia, no Seminário Maior de Viamão e no ano de 1974 viveu o Noviciado, em Farroupilha/RS.

QUANDO E COMO FOI A MUDANÇA DA DECISÃO DE RELIGIOSO PADRE PARA RELIGIOSO IRMÃO?

“Esta decisão ou orientação foi sendo amadurecida e esclarecida aos poucos. Lembro que durante o científico, fazíamos a chamada ‘direção espiritual’. Eu questionava com Pe. Pedro e dizia: ‘eu me sinto bem. Gosto de estar na casa, mas sinto que não é meu ‘metier’ o sacerdócio, não me vejo fazendo este trabalho, também admiro, respeito e acho uma missão fantástica, mas não é para mim’. O Pe. Pedro me dizia: ‘mas isto vem aos poucos, não te preocupes, vai em frente’.

Tive muitos contatos com os irmãos que trabalhavam no Calábria: Ir. Gino Fochesato, Ir. Rino Coradin, Ir. Franco Zerbinatti, Ir. Francisco Cornale, Ir. Mário de Cristófaró, Ir. Tomazo Contaldo... Todas pessoas de muito trabalho e felizes da vida. Foi muito gratificante estar com eles pois criamos uma relação de irmãos e amigos. Era a minha família, meus irmãos.

Durante o Noviciado tivemos muitas conversas com o mestre, e não conseguia convencê-lo das minhas convicções. Lá pelas tantas, era setembro, tempo de fazer os pedidos para a profissão, e eu continuava decidido em me consagrar a Deus, mas não para o sacerdócio e eu disse ao mestre: 'ou me aceita como irmão, ou eu não professo, não me sinto de continuar para ser padre'. Aí o clima mudou, recebi todo o apoio, me foi dito que fui questionado para testar, se estava mesmo convencido, e daí em diante me senti ainda mais entusiasta pela escolha. Nunca mais tive dúvida e sempre me senti chamado e entusiasta pela escolha.

Relato aqui um episódio ocorrido no dia da primeira profissão religiosa. Após a solenidade da profissão, como de costume, fomos almoçar juntamente com familiares e religiosos presentes no evento. Estava almoçando com meus familiares, e percebi que de uma outra mesa, bastante longe, o Irmão Francisco Cornale, olhava-me com frequência. Pela relação que tínhamos, sabia que quando me olhava, ele tinha algo a me dizer. Lá pelas tantas, levantei-me e fui até ele e lhe disse, em italiano: '*Cosa cé fratello? Cosa hai da dirmi?*' E ele ficava em silêncio e me olhava, com um olhar fixo e penetrante. Eu insistia: '*dimmi fratello, cosa cé?*' Ai, ele balbuciando algumas palavras me disse: '*Epure... Epure... Sono 12 anni, che prego tutti i giorni, per questo giorno...*' (Pois é! Pois é!..., são 12 anos que rezo todos os dias por este dia...). Inicialmente nem tinha entendido o significado das suas palavras. Até brinquei com ele; hoje é um dia como todos os outros, o que tem de especial? Aí ele me traduziu o significado de suas palavras: '*Sono 12 anni que prego tutti i giorni, perchè Il Signore, mandi vocazioni di fratelli nel Opera in Brasile*' (São 12 anos, que rezo todos os dias, para que o Senhor mande vocações a irmãos na Obra no Brasil). Aí eu me comovi e lhe dei um abraço e choramos juntos."

A primeira missão como religioso Pobre Servo do Irmão Noivar foi no Centro de Orientação Vocacional de Porto Alegre.

Parabenizamos o Irmão Noivar Brustolin pelos 45 anos de Vida Consagrada, agradecendo também por esta entrevista e convidamos todos a ler a matéria completa da sua caminhada vocacional, em nosso site.





25 ANOS DE ORDENAÇÃO PRESBITERAL DO PADRE ANTÔNIO DALL'Ò

No dia 25 de setembro de 2019, Padre Antônio Dall'Ò celebrou Jubileu de prata presbiteral. Aproveitamos este espaço para uma conversa com o jubilando, para conhecermos mais sobre sua história familiar e vocacional.

CONTE-NOS UM POUCO DE SUA HISTÓRIA FAMILIAR, PADRE ANTÔNIO:

“Nasci em 15 de junho de 1965 em Nova Roma do Sul, primogênito de quatro irmãos: Terezinha, Nestor Hugo e Ademir José; filhos de: Pedro Dalló e Honorina Sudstron Dallo. Fomos criados na roça e desde pequenos tínhamos afazeres próprios da vida de agricultores, com trabalho e pequenas responsabilidades; além da vivência da fé e participação ativa na família e comunidade. Não obstante as dificuldades e distâncias, fomos incentivados pelos pais a estudar.”

QUANDO INICIOU O PERCURSO VOCACIONAL E O INGRESSO NA CONGREGAÇÃO POBRES SERVOS?

“Em 1978 recebi visitas do Padre Nello Vanzo, convidando-me para conhecer o seminário e no dia 03 de março de 1979 ingressei no Seminário Apostólico Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha/RS. ‘Pessoalmente não tinha muita noção do passo importante que estava fazendo. Sei que uns dias antes, meus pais me disseram: ‘esperamos que não vás incomodar os padres.’”

COMO FORAM OS PRIMEIROS TEMPOS NO SEMINÁRIO?

“Lembro que foi muito intenso e divertido, pois éramos um ‘batalhão’ de adolescentes e jovens; e para proporcionar uma integração com todos os seminaristas, realizamos por vários dias uma Gincana. Após integrados, iniciava-se a rotina dos estudos, trabalhos, aula, oração e outros afazeres do cotidiano. E, ao longo do ano, haviam programações especiais como: torneios de

futebol, vôlei, pescarias, Galpão, Hora do Grêmio, mutirões de trabalhos. Aos poucos, conforme o passar dos dias, ia também aumentando a saudade da família; mas com muita maestria os formadores, consolavam-me e ajudavam-me a caminhar.”

ALGUM FATO MARCANTE DESTE PERÍODO DO SEMINÁRIO?

“O que sempre me marcou nestes anos, e hoje percebo o quanto foi importante era a presença constante de nossos formadores em todas as atividades. Não nos mandavam fazer as coisas, mas iam e faziam junto conosco.

Uma outra experiência, muito marcante destes anos, era a vibração, o entusiasmo, a alegria em tudo aquilo que os formadores nos propunham. Era impossível não comprar as ideias propostas.

Outra marcante também, era quando passava algum religioso que estivesse trabalhando em outros lugares, seja do Brasil como do mundo. Sempre sobrava um tempo para partilhar as suas experiências de missão, e isto me motivava a manter o desejo de missionariedade.”

POSTERIORMENTE A ETAPA DO SEMINÁRIO, ONDE CONTINUOU O PROCESSO VOCACIONAL E O QUE FAZIAS?

“Ingressei no Centro de Orientação Vocacional (COV) em Porto Alegre, realizando o ensino médio no Calábria. O ritmo e rotina do COV, as pastorais e convivência com um leque muito maior de pessoas, alunos dos cursos, especialmente os ligados ao Centro Social Pe. João Calábria, Amparo Santa Cruz, Paróquias Santa Luzia, Santa Flora, Vila Nova, Restinga, SPAN me marcaram muito.”

Após concluir o ensino médio, Padre Antônio foi enviado como postulante ao Seminário para compor a comunidade. Na parte da manhã cursava filosofia na Universidade de Caxias do Sul, e à tarde/noite acompanhava a turma de seminaristas junto com um religioso.

NO ANO DE 1987, O PADRE VIVEU O NOVICIADO, COMO FOI ESSE PERÍODO?

“Destaco que, o tempo do Noviciado é, ainda hoje, o grande referencial de minha vida como Pobre Servo. O mestre Pe. Gianni Menegazzi, trabalhou conosco pensando em nosso futuro, pois quanto mais o tempo passa mais percebo como ele nos conduziu com maestria e sabedoria, preparando-me para os possíveis e imagináveis situações desafiantes nas comunidades. Destaco também a convivência com os colegas noviços como grande contributo para a minha vida, pois havia um grande empenho de todos na busca de crescer e aprender a essência da vida religiosa Calabriana.”

PROFISSÃO RELIGIOSA E PRIMEIRA OBEDIÊNCIA, ALGUMA EXPECTATIVA?

“Em primeiro de janeiro de 1988, fiz a primeira Profissão Religiosa com os colegas de caminhada. Dia memorável! E no mesmo dia recebi por escrito minha primeira obediência como professo: Comunidade do Centro Social Pe. João Calábria, na função de coordenador dos cursos da Escola Profissionalizante. Não fazia ideia do que viria pela frente!”

Agradecemos ao Padre Antônio por esse momento e acompanhemos no site a matéria completa da sua história vocacional e primeiros anos de caminhada.



LEMBRANÇA

POBRES SERVOS

- **Ir. Joel Gonçalves da Silva, 01/01/2010:** 10 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Marcos Antônio da Silva, 01/01/2010:** 10 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Cleber Monegat, 01/01/2005:** 15 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Edmilson José da Silva, 01/01/2005:** 15 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Maicon Bartelle, 01/01/2005:** 15 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Osmair José Collaziol, 01/01/1985:** 35 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Paulo Roberto Palaoro, 01/01/1985:** 35 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Paulo Salvi, 01/01/1985:** 35 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Aires Paesi, 02/02/1980:** 40 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Gedovar Nazzari, 02/02/1980:** 40 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Jacob Tonon, 02/02/1980:** 40 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Osmar Coppi, 02/02/1980:** 40 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Noivar Brustolin, 02/02/1980:** 45 anos de Profissão Religiosa
- **Pe. Nelcir Luiz Nazzari, 29/01/1995:** 25 anos de Ordenação Presbiteral
- **Pe. Itacir Gaspareto, 25/02/1995:** 25 anos de Ordenação Presbiteral

POBRES SERVAS

- **Ir. Juliana Vidal, 01/01/2010:** 10 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Regina Cigognini, 01/01/2010:** 10 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Vanderlucia Fernandes Oliveira, 01/01/2005:** 15 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Evonete Rizzatti, 25/03/2000:** 20 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Maria Aparecida da Rocha, 01/01/1990:** 30 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Ivete Inês Formolo, 01/01/1985:** 35 anos de Profissão Religiosa
- **Ir. Ignêz Stieve, 01/01/1985:** 35 anos de Profissão Religiosa

A PONTE ESTÁ PRESENTE



40 ANOS DE PRESBITERADO DO PE. BENILDO CERESA

A Missa em Ação de Graças pelos 40 anos de Presbítero do Pe. Benildo Ceresa, aconteceu no dia 1º de dezembro de 2019, na Comunidade da Paróquia São Jorge, Garibaldi/RS.

NOVICIADO 2020

A Celebração de ingresso dos novos Noviços e Noviças, Pobres Servos e Pobres Servas da Divina Providência, aconteceu nas I Vésperas da Solenidade de SANTAMARIA, MÃE DE DEUS, dia 31 de dezembro de 2019, em Farroupilha/RS. Acompanhemos estes irmãos e irmãs com nossa oração.



PRIMEIRA PROFISSÃO RELIGIOSA E PROFISSÃO TRIENAL

No dia 1º de janeiro de 2020, na presença do Casante Pe. Miguel Tofful, em Farroupilha/RS, quatro jovens, professaram publicamente os votos de pobreza, castidade e obediência, doando suas vidas a Deus e irmãos, por meio da Primeira Profissão Religiosa. São eles: IRMÃO JOSÉ TCHINDELE HUAMBO, IRMÃO VALENTINO MBENDU, IRMÃO PADRE QUINTINO SAMACACA (Delegação Mama Muxima - Angola) e IRMÃO LUIS BRUNO FERREIRA ARNDT (Delegação Maria Imaculada - Paraguai).

Nesta mesma celebração, após viver durante três anos a Vida Consagrada, IRMÃO EDUARDO CESAR DE ALBUQUERQUE (Delegação Nossa Senhora Aparecida) fez sua entrega definitiva a Deus, através da sua Primeira Profissão Trienal na Congregação.



ENCONTRO LATINO DE JUNIORISTAS

O ENCONTRO LATINO DE JUNIORISTAS, ocorreu de 02 a 05 de janeiro de 2020, na Casa Mater Dei, em Farroupilha/RS. Participaram jovens consagrados das Delegações Nossa Senhora Aparecida, Maria Imaculada e Rainha da Paz.



POBRES SERVOS E POBRES SERVAS EM RETIRO

No Regional Sul, o tema do 1º Retiro orientado pelo Pe. Valdecir Tressoldi, PSDP, foi: “CONFIGURAR A VIDA EM CRISTO”. O 2º Retiro orientado pela Ir. Elis Machado, OFS, teve como tema: “MÍSTICA DA VIDA CONSAGRADA RELIGIOSA NA CONTEMPORANEIDADE”. Realizados respectivamente de 25 a 31 de dezembro, e de 02 a 08 de janeiro de 2020, em Farroupilha/RS.

No Regional MS, o tema do Retiro foi: “PERMANECE CONOSCO! O PODER DA HOSPITALIDADE”, orientado pelo Frei Moacir Casagrande, realizado no período de 02 a 08 de dezembro, em Campo Grande/MS.



ASSEMBLEIA PRÉ-CAPITULAR DA FAMÍLIA CALABRIANA

A Assembleia da Delegação N. Sra. Aparecida, em preparação para o XII Capítulo Geral, reunindo Religiosos, Religiosas e Leigos calabrianos aconteceu nos dias 10 e 11 de janeiro no Seminário Apostólico Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha/RS.



ENCONTRO ANUAL DOS EX-SEMINARISTAS E ASPIRANTES

O Encontro Anual aconteceu no Seminário Apostólico N. Sra. de Caravaggio em Farroupilha. Foi um dia de oração, partilha, fraternidade onde famílias se encontram para partilhar os anos vividos no Seminário da Congregação.

25 ANOS DE PRESENÇA NA ÍNDIA

Na Índia, a Delegação Ish Kripa completou 25 anos de missão. As comemorações tiveram início um ano antes e finalizaram com a festa nos dias 05 e 06 de outubro de 2019, com presença da Madre Ir. Lúcia Bressan e do Casante, Pe Miguel Tofful além dos missionários brasileiros que passaram por lá.





† FALECIMENTOS



ISA MARIN ZACARON

A vida é sempre dom de Deus que um dia a recebemos para fazer frutificar. Isa Marin Zacaron também recebeu essa maravilha de Deus e durante 77 anos procurou em todas as suas ações louvar e bendizer a esse Deus que tanto fez em sua vida, seja na família, nos amigos e na comunidade onde frequentava. Louvamos esse Deus Pai providente pelo dom da vida da Sra. Isa e num sentido de pertença a Ele, no dia 12 de dezembro retorna à casa do Pai. Homenagem do seu filho Ir. Darci Zacaron, e família. A equipe da Revista A Ponte e a Congregação presta sua homenagem a ela.

NORIS MARIA LERIN FORNASIER

Quando há amor, a morte não consegue separar totalmente as pessoas e quem parte continua vivendo na memória de quem fica. A senhora Noris Maria Lerin Fornasier, mãe do Padre Gilmar Fornasier, partiu para a casa do Pai aos 90 anos, no dia 11/12. A equipe da Revista A Ponte e a Congregação presta sua homenagem a ela.



MENSAGEM

SENHOR, FAZEI-ME INSTRUMENTO DE VOSSA PAZ

SENHOR, FAZEI-ME INSTRUMENTO DA VOSSA PAZ
ONDE HOVER ÓDIO, QUE EU LEVE O AMOR
ONDE HOVER OFENSA, QUE EU LEVE O PERDÃO
ONDE HOVER DISCÓRDIA, QUE EU LEVE A UNIÃO
ONDE HOVER DÚVIDA, QUE EU LEVE A FÉ
ONDE HOVER ERRO, QUE EU LEVE A VERDADE
ONDE HOVER DESESPERO, QUE EU LEVE A ESPERANÇA
ONDE HOVER TRISTEZA, QUE EU LEVE A ALEGRIA
ONDE HOVER TREVAS, QUE EU LEVE A LUZ.
Ó MESTRE, FAZEI QUE EU PROCURE MAIS CONSOLAR
DO QUE SER CONSOLADO
COMPREENDER DO QUE SER COMPREENDIDO
AMAR QUE SER AMADO
POIS, É DANDO QUE SE RECEBE
É PERDOANDO QUE SE É PERDOADO;
E MORRENDO QUE SE VIVE
PARA A VIDA ETERNA.